

Adriano Siqueira

Stefany Albuquerque



**Jornal**  
**Mistérios em São Paulo**

Publicado em São Paulo - dom 3 de Maio de 2014 - Segunda-Feira 22 de Março de 2014

# UMA VAMPIRA NA CIDADE

Os vampiros, séculos de lendas cercados de muita investigação que acabou por se transformar em uma das criaturas fantásticas mais populares do mundo. Desde a criação dos vampiros já participaram de filmes, livros e séries de TV, a mulher que foi criada antes do mundo dos vampiros. Lendas como a de Drácula e a de Lestat, como a de Anne Rice e a de Stephenie Meyer, a de Charlaine Harris e a de Kelley Armstrong, a de Charlaine Harris e a de Kelley Armstrong, a de Charlaine Harris e a de Kelley Armstrong.



Adriano Siqueira  
e  
Stefany Albuquerque

Apresentam:

# *Uma Vampira na Cidade*

Esta história foi produzida pelos autores:  
Adriano Siqueira  
<https://www.facebook.com/adriano.siqueira>

Stefany Albuquerque  
[https://www.facebook.com/morticia.naghtshade?ref=br\\_rs](https://www.facebook.com/morticia.naghtshade?ref=br_rs)

É uma história com os personagens Lord Dri e Morticia Naghtshade



# Uma Vampira na Cidade

Escrito por Stefany Albuquerque e Adriano Siqueira



## Uma Vampira na Cidade – Parte 01 –



— Podíamos ter esperado, não acha, Morticia?

Começo a rir e respondo:

— Não, meu querido, isso está muito devagar, tínhamos que extravasar agora. Está bem mais excitante.

— Não acho. Agora temos problemas demais.

Olho para trás e vejo três lobisomens.

— Aonde pensam que vão? – diz um deles.

— Em nenhum lugar, meninos, mas não se esqueçam que não serei boazinha.

Avanço em um deles e eles avançam em seguida. Dri luta com os outros dois.

— Podia ter pensado em um plano, né, Morticia?

— Isso não é hora de discutir, não acha?

Ele sorri e luta com mais velocidade, quando de repente...

— Dri! Abaixa!

Ele rapidamente se abaixa enquanto lanço um punhal que acerta a cabeça do lobisomem.

— Rápida e certa! – diz Lord Dri, orgulhoso.

Retiro outro punhal e sorrio. Arremesso em sua direção raspando em seu ombro, atingindo o peito do outro.

— Você me acertou!

— Não! Apenas pegou de raspão.

— Era para acertar em mim, então?

— Pare de falar bobagem! Eu matei o lobisomem e você está achando ruim porque pegou de raspão em você? Devia me agradecer.

— Não seja por isso.

Ele retira rapidamente o punhal do peito do lobisomem e arremessa em minha direção. Rapidamente me abaixo, mas mesmo assim, a arma raspa em meu braço.

— Então é isso?

— Me desculpe, querida, eu só queria acertar o lobisomem.

Ele sorri.

— Vamos, antes que chegue mais alguém.

Ele se aproxima e segura meu braço.

— Falta isso.



Ele lambe a ferida em meu braço e ela se fecha rapidamente.

— Gostou?

— Sim. Agora vamos, Dri.

Ele sorri novamente.

— Cadê seu carro? – pergunto.

— Bom, ele estava aqui até você arremessá-lo contra os outros lobisomens.

— Vamos com o meu.

Olho para os lados e vejo o carro todo amassado em cima de uns lobisomens.

— Bom... Se este é o seu carro, acho que estamos quites.

— É! E agora vamos de quê? – Dri olha ao redor. — Tem uma moto bem ali! – Apontou.

Uma Harley-Davidson 2006, cor preta.

— Humm! Uma ótima escolha. Eu piloto!

Ele pega em minha cintura e me dá um forte beijo. Logo depois, me vira para o outro lado.

— Não querida. Eu piloto.

— Você não vale nada.

— Eu sei, e você também não.

Subo na traseira da moto.

— Tem em mente aonde vamos, Morticia?

— Para o meu hotel.

— OK.

Chegando ao hotel, notamos que nossas roupas estavam completamente cheias de sangue de lobisomem.

— Dri, não sei você, mas acho que estas roupas estão chamando muito a atenção.

— Sim, e o que você tem em mente?

— Veja aquele casal no beco.

— OK! Já entendi o recado.

Chegamos perto do casal e Dri fixou o seu olhar na moça.

— Olá, querida. Adorei suas roupas.

Começo a rir.

— “Adorei suas roupas”? Fala sério!



Olho para ela e para o rapaz.

— Quero suas roupas agora.

Ele me olhou assustado, logo o rapaz começou a tirar as roupas e a moça também.

— Precisava fazer isso? – perguntou Lord Dri

— Não temos tempo para você ficar “paquerando”.

— Está com ciúmes.

— Não! Estou com pressa.

Depois que vestimos as roupas, Dri olhou para eles e mandou saírem dali sem que ninguém percebesse.

Entramos no hotel. Dentro do elevador, Dri começa a me despir.

— O que foi?

Ele sorri.

— Até que esse tomara-que-caia ficou muito bem em você.

— Obrigada, mas...

Chego mais perto dele e rasgo sua camisa com as minhas unhas.

— Mas não gostei da sua camisa.

Ele me empurra para o canto e me beija, suas mãos passeiam em meu corpo. As portas do elevador se abrem e um casal se depara com nossos toques.

— Dri! Acho que temos companhia.

Dri olha para o casal com uma cara fechada.

— Está com fome, Morticia?

— Sim! Estou faminta!

Dri larga uma de minhas pernas e vai até eles. Fixa seu olhar no casal fazendo com que entrem no elevador.

— Escolha, minha querida.

— A mulher.

Ele sorri. Mordo o pescoço da mulher e ela começa a gritar. Rapidamente eu tapo a boca dela com a mão. Antes de drenar seu sangue por inteiro, a coloco encostada no canto do elevador e aperto o botão para travá-lo entre um andar e outro. Dri para de sugar o rapaz.

— O que foi, Morticia?

— Nada, querido, continue.

Olho nos olhos da moça.

— Qual o seu nome, querida?



Com dificuldade, ela responde.

— Denise.

— Denise, seu corpo está neutro agora, quero que fique calma e responda às minhas perguntas sem hesitar.

— Tudo bem.

Dri fica me olhando enquanto termina de drenar o rapaz.

— O que você mais ama em sua vida?

— Meu noivo Edu.

— Este que esta nos braços do meu Lord?

— Sim, não o mate, por favor.

— Eu não, minha querida, mas olhe... Ele já está seco ao seu lado.

Ela começou a chorar.

— Sente essa dor consumindo seu peito? Mal consegue respirar. Essa dor vai te consumir até não aguentar mais.

— Me ajuda, eu não quero essa dor.

— Eu realmente posso te ajudar, mas vai depender de você.

— Como assim?

— Olhe para ele. Está seco... Sem sangue... Não irá voltar. Você pode se juntar a ele ou sentir essa dor até ela te consumir.

— Não! Eu não quero morrer desse jeito.

— Faça sua escolha.

Ela estica sua mão e segura a mão do rapaz e aperta.

— Quero ficar com ele.

— Boa escolha.

Rapidamente morde seu pescoço e dreno seu sangue por inteiro. Logo em seguida limpo o sangue dos meus lábios e olho para o Dri e digo:

— Vamos, Dri, meu apartamento é no próximo andar.





Uma Vampira na cidade  
– Parte 02 –





Quando cheguei no apartamento, senti algo estranho, mas não quis alarmar o Dri. Então comecei a fazer algumas perguntas para ele.

— Dri... Sei que lobisomens não gostam muito de vampiros e demônios, mas hoje parece que todos eles querem nossas cabeças e ainda não descobri o porquê.

— Talvez por você ser um pouco dos dois. Vampiro/demônio.

Eu entro e ainda sinto que meu apartamento está muito estranho.

— Mas isso não é motivo suficiente para sermos caçados a noite toda, não acha?

— Acho que deveríamos pensar nisso depois. Queria ficar um pouco mais com você. Senti-la bem perto.

— Tudo bem, Dri. Vamos fazer assim, eu vou tomar um banho e você faz algo pra gente beber ok?

— Você manda, Morticia.

Eu dou uma piscada para ele e tiro a minha roupa na sua frente, mas antes de jogá-las no sofá, pego uma faca de prata, enrolo rapidamente na toalha e entro no banheiro. Escuto o Dri falando sobre como era bom os velhos tempos em que não existiam muitas batalhas e que sempre estávamos comemorando nossas noites com muita intensidade. O banheiro era grande. A banheira estava escondida por uma cortina escura. Não dava para saber se tinha alguém ali. Eu tinha que ser rápida se quisesse sair viva.

Dei três rápidas facadas na cortina... Um lobisomem uivou de raiva e de dor e pulou em cima de mim. O Dri bateu na porta do banheiro.

— Nossa, Morticia! Você faz um barulho e tanto para tomar banho. Precisa de algo?

— Toalha! Toalha! A minha molhou!

Continuei dando vários golpes no Lobisomem enquanto ele tentava me morder.

— OK! Já vou trazer algumas!

Eu corro e pego meu secador de cabelos e ligo jogando ar quente nos seus olhos. O lobo se irrita mais. Pego o cabo do secador e enrolo no seu pescoço com força e pergunto, gritando:

— Por que está demorando para trazer uma toalha?!

— A gaveta do seu guarda-roupa tem tudo, menos toalha!

Eu subo em cima do lobisomem e aperto mais o seu pescoço, até que



ele finalmente cai sem vida. Eu dou uma pausa e olho para os lados. O Dri ainda não voltou.

Retiro a faca do peito do lobisomem e abro a porta do banheiro cuidadosamente. O apartamento estava todo bagunçado. Os moveis fora do lugar. Vejo dois lobos mortos no chão e o Dri ferido. Corro até ele. Então, ele me diz:

— Parece que este apartamento não é mais seguro.

— Vamos sair daqui, Dri.

A porta abre e dois homens entram. Eu e o Dri estávamos prontos para atacá-los quando um deles diz sorrindo:

— Mas já estão partindo? A noite ainda mal começou... Meu nome é Felipe. Vocês têm algo que eu quero. A cruz que você usa, Morticia. Ela pode nos ajudar a encontrar alguns demônios que nos devem muito. Em troca, os lobos desta cidade vão parar de persegui-los.

— Eu não barganho com humanos. Vejam o que fizeram com meu apartamento.

— Seu apartamento não é nada comparado com o que vamos fazer com vocês.

— Não lhe darei nada.

O outro homem que não havia se apresentado tirou uma enorme arma do seu sobretudo e atirou no Dri. Eram duas pequenas estacas de madeira envoltas por um fio elétrico que entraram no corpo dele, descarregando uma enorme carga. Ele gritava muito. Então, o homem desligou fazendo Lord Dri desmaiar. Felipe riu e novamente perguntou.

— Tem certeza que não vai colaborar? Temos carga para fritar este vampiro.

— Parem com isso ou vão saber exatamente como sou quando fico zangada.

— A cruz!

— Toma e nos deixe em paz!

Joguei e eles pegaram e saíram.

Depois de algum tempo, Dri acordou, olhou para mim e perguntou:

— O que tinha naquela cruz, Morticia?

— Um microchip com endereços de algumas criaturas do outro lado



da cidade, incluindo alguns demônios.

— Temos que avisá-los.

— Tudo no seu tempo, Dri. Já está amanhecendo. Temos que repor nossas energias e depois iremos atrás deles.

— Não precisava fazer isso... Eu aguentaria.

— Eles te matariam. Já vi aquela arma antes. Sei quem as faz e sei onde ele vive. Amanhã iremos visitá-lo. Certamente ele vai colaborar.

— Você tem um jeito encantador de pegar informações.

Eu sorrio, olho para o Dri e respondo:

— Sim! Ninguém resiste aos meus toques e jeitos.

— É, eu vi! O lobisomem no seu banheiro descobriu de uma forma bem dolorosa.

— Agora venha, Dri. Vamos cuidar das nossas feridas.

Eu tiro as nossas roupas e o levo para a cama. Toco em suas feridas bem vagarosamente. Ele fica deitado com as pernas abertas... Passo a língua em cada ponto ferido e ele faz o mesmo comigo. Como gatos quando se lavam. Arranho as suas pernas e passo a língua em seguida. Ele faz o mesmo em cada parte do meu corpo. Assim fortificamos a nossa pele. Logo em seguida, nos beijamos para lambar novamente. Fazemos isso por alguns minutos até que subo por cima dele e fico com a minha cintura se mexendo, dando mais prazer para meu querido vampiro. Ele agarra a minha cintura e força para frente e para trás, deixando-me em puro êxtase. Vou até os seus lábios, beijo e fico chupando a sua língua. Ele me empurra mais forte e arranha minhas pernas me fazendo gemer. Naquele momento não existia mais nada, apenas nossos corpos e nossa energia estavam em evidência.

Nossas mentes atravessavam vários mundos diferentes. Nossos passados eram revelados um para o outro, e quando tínhamos alguma surpresa, logo já estávamos em outra época e nossas emoções se mesclavam em um banquete de sedução e ira sexual, nos deixando ao comando do nosso próprio corpo até que visualizamos uma grande energia passando em nossos corpos. Nossas mãos estavam brigando umas com as outras para ver quem conseguiria segurar quem.

Estávamos em um grande movimento constante para alcançar o clímax e transpirávamos muito. Eu implorava por mais e mais. Arranha-



va muito o corpo do meu amado até que um gemido surgiu em meus lábios seguido de um grito que deve ter feito toda a vizinhança acordar. Lord Dri também começou a gemer e me segurou com força até que senti que estava jorrando todo o seu líquido dentro de mim. Ficamos na mesma posição por alguns minutos e finalmente nos beijamos. Deitei-me ao seu lado. Passei minhas mãos suavemente em seu peito e percebi que seus ferimentos, assim como os meus, já haviam cicatrizado. Ficamos ali, olhando um para o outro até que adormecemos.





## Uma Vampira na cidade – parte 3 –



Já é de manhã e Dri continua a dormir. Saio sem que ele perceba e vou até o chuveiro. O lobisomem continuava no chão, completamente nu.

— Está admirando o que, exatamente?

Levo um susto, era o Dri.

— Nada... Eu... Só vim tomar um banho, apenas isso, e ele estava no chão.

— Humm... Sei, mas vai tomar banho sozinha?

— Achei que estivesse dormindo.

— Sim, mas eu não estou.

— Ok! Podemos resolver isso depois. Temos que dar um jeito nesse lobisomem. Está impregnando o banheiro todo.

— Mas... Já é de manhã, não podemos sair.

— Nós não, mas eu tenho alguém que pode.

Saio do banheiro em direção à sala, pego meu celular, mas antes de ligar, Dri pergunta:

— Vai chamar a quem?

— Alguém que você conhece muito bem.

Dri fica pensativo. Pego o telefone e faço a ligação:

— Oi, querido, saudades. Preciso de um favor seu e tem que ser agora!

Dri fica olhando para mim.

— Sabe onde estou.

Desligo o celular, ele me olha pensativo e argumenta:

— Ainda não sei quem é.

— Então vai descobrir logo. Vamos! Tenho que me arrumar.

Entramos no banho. Dri nunca foi muito bom em se controlar, seus toques, suas carícias estavam nos levando a uma segunda rodada.

— Dri... Assim não vou querer sair daqui.

— E quem disse que é para você sair?

Ele me aperta forte, junto ao seu corpo.

— Dri, vamos ter visita e você...

— Tudo bem.

Ele sai do chuveiro, me olha e arremessa uma toalha com força.

— Quanta delicadeza.

— Quer mais, querida?

— Não! Não.



Começo a rir.

— Está rindo de quê?

— Nada! Só desse seu jeito de criança mimada quando não ganha o que quer.

Ele me olha com fúria e fala bem seco:

— Então se arrume, vou pegar algo para beber.

E sai em direção à cozinha. Saio rapidamente do banheiro e vou até o quarto me arrumar. Neste momento, alguém bate à porta.

— Atenda pra mim, querido.

— Pode deixar.

Termino de fechar o zíper do meu vestido e ouço um barulho de vaso quebrando. Corro até a sala.

— O que vocês estão fazendo?

Eles olham assustados para mim. Os dois se largam e começam a se ajeitar.

— Olá, Morticia! Há quanto tempo!

— Olá, Henrique, vejo que está muito bem, já está se pegando com o Dri.

— Bom... Foi ele quem começou...

Dri o interrompe e responde:

— Eu comecei? Até parece! Quem foi que disse que veio para ver...

— Vocês querem, pelo menos uma vez, deixar de ser crianças e agir como adultos? Dri, eu o chamei para nos ajudar com os corpos. Henrique, eu não o chamei para provocar o Dri.

— Tudo bem! Me desculpe! Mas o que está havendo aqui, este lugar está cheirando a lobisomem, quase não senti o seu cheiro.

— Eu e Dri estamos sendo perseguidos por lobisomens há dois dias. Eles estavam atrás do meu colar.

— E o que esse colar tem de tanto valor assim?

— Um microchip que tem os dados de vampiros, demônios e outras criaturas que vivem nesta região.

— Humm... Ouvi falar de uma vampira que estava devastando a cidade, mas não achei que era você.

Ele vai até o sofá e senta.

— Ok! Mas ainda não sei qual o meu papel nessa história.

Dri balança a cabeça em forma negativa e vai até o outro sofá. Eu con-



tinuo falando com Henrique:

— Você vai limpar essa bagunça pra mim, e me ajudar com esses lobi-somens, esse chip não pode ficar no poder deles.

— Bom, pelos corpos que aqui estão, creio eu que sejam do grupo Lacrost. Eles não brincam em serviço, matam sem dó. E não costumam falhar. Sem mencionar as armas que eles usam.

— Já conheço suas armas. Então vai me ajudar?

— O que ganho com isso?

Henrique pisca para mim. Dri se levanta do sofá e vai em direção ao Henrique. Corro e o seguro.

— Calminha, querido!

— Você vai ganhar um soco nessa sua cara peluda.

Henrique começa a rir.

— Vamos parar com isso! Que mania! Olha, Henrique, eu te dou as armas que eles têm, OK?

— Não é muita coisa, mas vou te ajudar pelos velhos tempos. Vou limpar esta bagunça.

— Dri, quero que venha comigo até o quarto.

Ele me olha sem nenhum humor.

— Querido, por que tanto ódio?

— Até parece que você não sabe.

— Não se esqueça, ele só está aqui para nos ajudar. Apenas isso.

— Se ele continuar com essas indiretas, vou ser obrigado a extravasar minha raiva.

— Vou conversar com ele, mas prometa que será tolerante. Não se esqueça que ele me conhece há muito tempo. Nosso laço de amizade é muito forte.

— Espero que fique só na...

Antes de ele terminar a frase, eu o beijo com força, deixando-o completamente surpreso e sorrindo.

— Agora vamos ajudar a embrulhar os “presentes”.

Terminamos de embrulhar os corpos e Henrique sai com eles.

— Vamos limpar essa bagunça antes que as camareiras tenham um ataque do coração.

Começamos a limpar o apartamento rapidamente.

— Morticia, por que o chamou? Poderia ter chamado qualquer outra





peessoa, mas tinha que ser logo ele?

— É que ele tem lobisomens infiltrados em vários grupos, além de ser a melhor fonte que tenho.

— Não estou com ciúmes, só queria saber o porquê de ele estar sempre nas suas batalhas.

— Um grande amigo, lembra?

— Sim, vamos mudar de assunto, pois nós já terminamos aqui. Ele rapidamente me deita no sofá.

— Sabe, Morticia... Você ficou linda nesse vestido, querida.

— É! Eu acho que não vi você se trocar.

— Isso porque você estava no quarto, e eu na sala. Sou rápido.

— Não parece. Ainda não tirou o meu vestido.

Ele sorri.

— Ainda está de tarde, temos que nos ocupar com algo.

Pego em sua mão e a coloco em meu seio e digo:

— Então se ocupe com isto.

Ele começa a me acariciar com toques selvagens. Quando, de repente, escuto a porta bater e o Dri diz espantado:

— Eu não acredito que ele já voltou!

— Acho que sim, Dri.

Arrumo meu vestido e abro a porta.

Uma caixa foi deixada no chão.

— Não é o Henrique! É uma caixa.

Trago o objeto para dentro da sala e o coloco sobre a mesa.

— Não tem cartão por fora e está bem fechada.

— Sim, Dri, mas isso vem do Henrique.

— Como sabe?

— Sinto o cheiro dele.

Dri se senta no sofá e fica intrigado e curioso. Abro a caixa e dentro encontro uma carta.

“Querida, estou em busca de informações a respeito do chip, vou te deixar segura com o meu amigo Claudinei, que está do lado de fora do prédio em uma van vermelha. Ele é um lobisomem, evite provocá-lo. Ele não tem senso de humor. Aqui vai a roupa que você deve usar e Dri também, o endereço está no verso da carta, beijos em sua boca.”

— “Beijos em sua boca”? Ele não tem um pinga de respeito! – reclama



Dri.

Sento em seu colo.

— É, e nem eu, meu querido.

Ele sorri.

— Vamos. Temos que sair daqui antes que mais deles apareçam. O endereço que está no verso é no centro, vamos nos arrumar.

— Tudo bem, e esse tal de Claudinei, você o conhece?

— Não, mas se é amigo do Henrique, é nosso amigo também.

— Seu amigo, querida. Pra mim, tudo que vem dele é inimigo.

— Seu bobo.

— É? Eu sou bobo?

Ele rapidamente me levanta dando um tapa em meu bumbum. O agarrado rapidamente e o lanço no sofá.

— Não faça isso novamente.

Ele sorri.

Logo a porta de entrada cai atrás de nós. Rapidamente olhamos para a porta. Um homem de pele negra e olhos verdes, forte e selvagem. Seu sorriso era irônico, dava para ver a maldade em seus olhos. O que faz dele um ótimo aliado, ele pode matar sem dó.

— Ele está te incomodando, minha Lady?

— Não, mas...

Dri se manifesta.

— Quem é você?

— Sou o guardião de Lady Morticia. Meu nome é Claudinei. Henrique comentou sobre você, Lord Dri, disse que eu deveria manter você longe de Lady Morticia.

Manifesto-me com raiva.

— Vou te explicar três coisinhas básicas. Primeiro: Henrique não manda em mim e sim, eu que mando nele. Dois: Dri é meu parceiro e, mais do que isso, é o meu amado, jamais o tocará e jamais irá ofendê-lo.

E três: eu o chamo quando precisar, não quero que apareça do nada quebrando as coisas. Sente meu cheiro e sabe quando estou em perigo, e neste momento eu não estou em perigo. Estamos entendidos?

— Não sou quem pensa que sou, minha Lady. Não recebo ordens de você, então não pense que...

Antes que termine, corro até ele e o seguro pelo pescoço, o empurro



contra a parede.

— Não levante a voz para mim, lobisomem, assim como Henrique, não tolero desonra.

Aperto mais seu pescoço.

— Entendeu?

— Sim.

— Acho que não ouvi.

— Sim... My Lady.

Solto Claudinei fazendo com que ele caia no chão. Ele sai rapidamente.

— Nossa, por um momento achei que ele fosse revidar.

— Não estou de bom humor agora, Dri.

— Acho que o Henrique errou quando disse que ele não tinha senso de humor.

— Gracinha. Vamos, se vista, temos que sair daqui. Vamos para o centro.

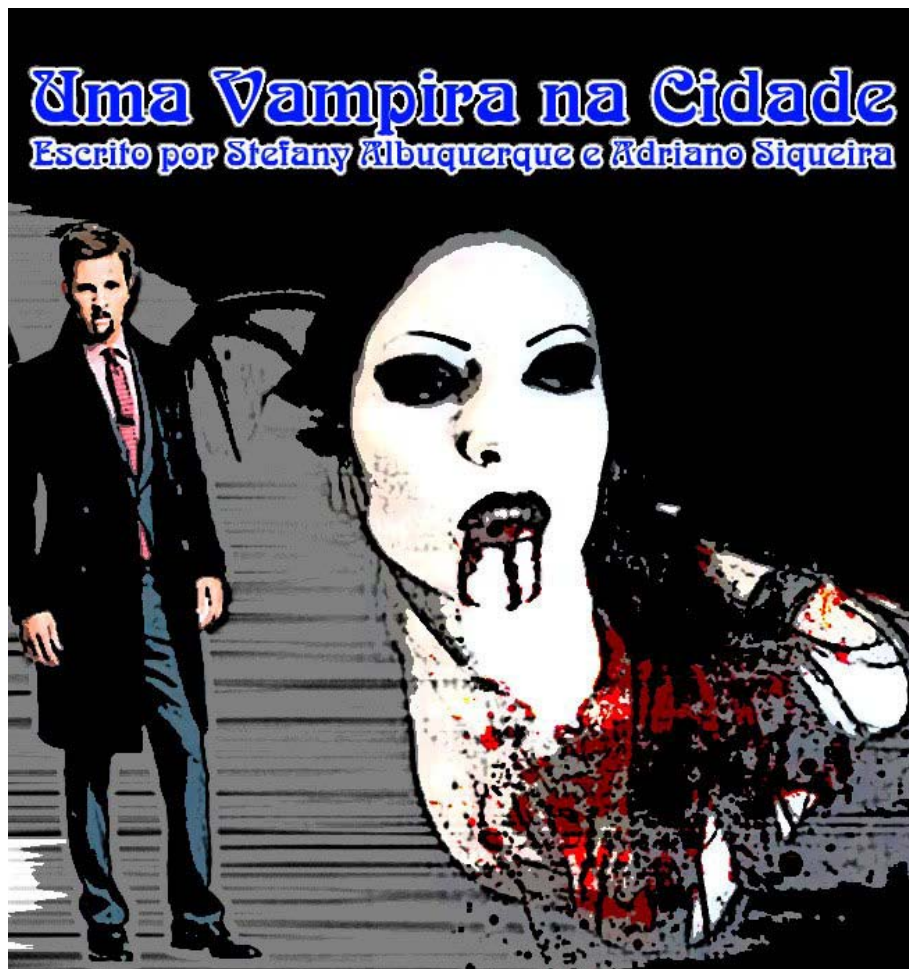
— E o que tem no centro?

— Ele só deu o endereço, talvez ele queira que nós o investiguemos.

Dri olha para a caixa.

— São trajes a rigor de uma festa de gala.





Uma Vampira na Cidade  
– Parte 4 –



— Já sei! Ele quer que nós estejamos no evento de obras de arte da galeria German. Ouvi dizer que estão leiloando artefatos históricos como o cálice de Judas.

— Por que eu tenho um pressentimento ruim sobre tudo isso?

— Acho que é porque você dormiu com uma vampira-demônio.

Começo a rir e logo em seguida ele me beija.

— E o que mais eu ganhei de você, Morticia?

— O meu amor, o que mais você quer?

— Para mim já é o suficiente.

Começamos a nos trocar. A roupa que Henrique deu para Dri é um belíssimo smoking preto.

— Sempre gostei do preto em você, querido.

— E eu sempre gostei de ver você em um vestido vermelho, esse seu decote está me deixando com as pernas bambas.

— Mas está muito longo, corta a barra pra mim, querido.

Ele corta com delicadeza a barra do vestido até chegar à parte superior da minha coxa.

— Agora sim! Está perfeito.

— Poderia pegar os meus sapatos estão na varanda, querida?

Vou até a varanda e os pego. Então pergunto:

— O que seus sapatos estão fazendo na varanda? Homens! Esse seu pedido poderia me matar, a sorte é que já anoiteceu e...

Antes que eu termine, olho para baixo e vejo que na rua a van sumiu e que homens vestidos de capa preta estão entrando no hotel.

— Vai demorar muito, Morticia? Porque se não eu...

Arremesso os sapatos em sua direção e acelero os passos.

— Temos companhia.

— Quê?

— Tem, pelo menos, uns sete homens entrando no hotel.

— E cadê seu “guarda costas”?

— Não sei, mas temos que sair logo, vamos pela escada de incêndio.

Ele veste os sapatos e saímos rapidamente.

Ao chegar no corredor, ouvimos passos.

— Eles já estão aqui! Vamos pelo elevador!

Corremos para o elevador, mas antes dele fechar as portas, vemos dois



deles indo em direção ao apartamento. Retiro de dentro da minha bolsa um batom.

— Isso é hora para maquiagem? E de onde surgiu essa bolsa?

— Não conhece as mulheres? Temos muitos truques. Se segura.

— Me segurar onde?

Um barulho estremece o elevador, fazendo com que ele chacoalhe.

— Isso não é um batom – Dri comenta.

— Descobriu o Brasil! É o dispositivo de uma bomba.

— Fala com tanta tranquilidade que parece que isso já é cotidiano. Ele me olha buscando uma resposta, mas não a obtêm.

— Nossa, você é imprevisível.

— Prepare-se, Dri, estamos parando antes do térreo. Alguém vem vindo.

A porta se abre e um homem está em frente ao elevador.

— Encontrei vocês.

Dri responde:

— Acho que não.

Dri dá um soco no estômago do homem e o puxa para dentro do elevador.

— Vamos!

Antes de eu conseguir sair do elevador, o homem segura a minha perna. Rapidamente peço ajuda.

— Dri!

Dri dá um chute no rosto do homem, ele desmaia. Pega em minha mão e pergunta:

— Você está bem, querida?

— Sim! Vamos!

Entramos em uma porta que dá acesso à escada.

— Arrume seu smoking, querido.

— Arrume seu cabelo, querida.

Ele sorri.

Andamos pelo corredor até chegar à porta. Vimos que ela dava nos fundos do hotel, em frente a um beco. A van de Claudinei está parada. Ele olha com seriedade e diz:

— Vocês demoraram.

— Como assim “vocês demoraram”? Onde estava você quando sentiu



o meu medo?

— Medo? Eu não senti nada. Apenas vi um movimento estranho e pensei que se desse algo errado a senhorita sairia pela porta dos fundos.

Dri toma a frente e entra na van, estendendo sua mão para mim.

— Com um “guarda-costas” como esse, você nem precisa de inimigo.

— Vamos para o centro, na Galeria German.

O silêncio toma conta do lugar. Então Claudinei olha para frente e começa a dirigir.

Ao chegar ao local, um grande movimento toma conta da rua. Olho para Claudinei e digo:

— Você fica dentro do carro, e de preferência, com os olhos e ouvidos bem atentos.

Saio puxando Dri e fecho a porta da van.

— Vou ligar para o Henrique e perguntar que espécie de segurança é esse que ele me arrumou.

Pego o celular.

— Henrique, que tipo de segurança é esse?

— Calma, querida, eu te alertei sobre ele. Está no leilão? – questiona Henrique.

— Estou na entrada.

— Seu colar está aí? Eles irão leiloá-lo esta noite e, adivinha, farão de tudo para obtê-lo.

— Lobisomens?

— Sim!

— Mas eles já não o tinham em suas mãos?

— Sim, mas Lacrost lucra mais com o leilão, já que o chip não está mais nele.

— Como assim? O que vim fazer aqui, então?

— O chip está com o líder de Lacrost.

— E quem é?

— Uma boa pergunta. Ninguém o conhece, porém, tenho informações de que quem comprar o colar, vai receber ele diretamente das mãos do líder de Lacrost. Encontro vocês no salão principal.

Ele desliga o celular.

— É... A noite está apenas começando e eu já estou amando o cheiro



do perigo.  
Beijo Dri e entramos no salão.







## Uma Vampira Na Cidade – Parte 5 –



Não é a primeira vez que eu e o Dri fazemos parceria em uma missão. Mas, desta vez, é muito mais perigoso.

Estamos em um leilão e temos que recuperar minha cruz para conhecermos o líder de Lacrost e ainda sairmos vivos.

— Dri, antes de o leilão começar haverá um baile para os convidados. Neste baile, as caixas que estão em leilão serão protegidas por dois seguranças, mas temos o problema das câmeras. Eu vou para a sala de segurança distrair o pessoal que está vigiando as caixas. Você precisa se disfarçar de garçom. Notei que existem muitas mulheres servindo os drinks e você pode ajudá-las.

— Bolou todo este plano enquanto estávamos no caminho, Morticia?

— Essa é uma das minhas manias. Sempre ter um plano "B".

O baile começa, Dri olha pra mim e sorri... Ele pega a minha mão e acaricia meus cabelos.

— Antes de irmos, vamos dançar. Quero sentir seu corpo perto do meu novamente.

— É sempre um prazer, Dri.

Vamos para o meio do salão. Esbarramos propositalmente em alguns convidados importantes. Pegamos chaves de segurança e rádio comunicador. Conforme a dança fica mais quente, eu e meu querido vampiro mostramos todos os tipos de dança para deixar o pessoal impressionado. Dri beija meu pescoço enquanto me segura nos braços.

— Uma ótima dança, Dri.

— Você sempre me inspira, Morticia.

Sorrimos e nos separamos. Vejo o Dri ir até a cozinha. Ele fica com um rádio comunicador e eu fico com outro. Esses rádios que pegamos dá para ouvir a conversa com os seguranças e também nos comunicar com frequência combinada para que eles não nos ouçam.

Eu vou para a sala de segurança. Vejo apenas um homem lá dentro.

Utilizo a chave, que roubei de um dos organizadores enquanto dançava, para entrar.

Ele fica surpreso com a minha entrada. Mostro meu corpo de uma maneira bem sedutora... Passo as mãos no pescoço e depois vou descendo para meus seios. Coloco o dedo na boca e sorrio para ele e digo bem



baixinho:

— Então, é assim que é uma sala de segurança... Será que nada escapa dos seus olhos atentos?

Eu brinco com meu decote mostrando para ele o meu sutiã. Passo o dedo entre meus seios e coloco o dedo em minha boca. Enquanto ele fica atento aos meus movimentos, vejo Dri em uma das câmeras. Ele estava com a roupa de um garçom e estava se aproximando das caixas. Verifico qual é o número da câmera e acho o botão para desligá-la no painel ao lado do segurança. Chego bem perto dele e fico com o painel atrás de mim. Faço um movimento para abrir meu vestido nas costas e minhas mãos descem para os controles, desligando a câmera. Logo em seguida, começo a dançar e a tirar meu vestido, deixando o segurança completamente hipnotizado com meus movimentos. Seria fácil se ninguém tivesse entrado. Uma mulher que servia os drinks entrou na sala e nos viu. Mas em vez dela ficar assustada, liberou algo atrás das suas costas e asas apareceram. Ela apontou o dedo em minha direção e bolas azuis explodiram em minha volta. Desviei como pude. Corri em sua direção e dei um salto mortal conseguindo chegar até a porta. A mulher atacava sem piedade. Era rápida e conhecia bem todos os estilos de luta. Joguei tudo o que vi pela frente. Havia a bandeja dela com muitos ingredientes e joguei todos que podia. Até que um deles surtiu um efeito bem curioso. Tinha um pote de sal que, quando a atingiu, fez com que ela secasse e caísse como se tivesse se queimado. Peguei vários potes de sal para me proteger.

Lembrei que o Dri estava na cozinha disfarçado e ele poderia também estar em perigo. Corri e vi que ele estava lutando com várias delas. Parece que todas essas "fadas" estavam protegendo o evento. Joguei os potes de sal em algumas, mas eram muitas. Dri estava nocauteado e elas o arrastavam para fora do local.

Eu os segui, mas antes consegui pegar a caixa que o Dri havia deixado no chão. Quando corri para a rua, vi que ele estava sendo levado para um grande carro preto. Verifiquei meu rádio comunicador e vi que o Dri podia ser detectado pelo GPS.

De repente, um carro para em minha frente. A janela do carro se abre e um homem diz:

— Você tem a cruz e, conforme prometido, vamos levá-la até o chefe.



Eu entro e dou sinal para que o meu motorista Claudinei, que estava do outro lado da rua, siga o carro.

O local era uma grande mansão rodeada de seguranças para todos os lados. Vejo um homem sentado ao lado de uma mesa e falando no celular. Era moreno, alto, olhos verdes e cheio de tatuagem. Ele olha para mim e termina a ligação com um sorriso.

— Morticia! Finalmente nos conhecemos. Sente-se. Tragam o melhor vinho para esta mulher encantadora.

Ele beija a minha mão, eu sorrio e comento:

— Achei que o chefe de todos os Lobisomens fosse um homem bem mais velho que você... Senhor...

— Me chame de Rudolf. Sim! É verdade, mas eu sou assim faz pouco tempo. Tenho apenas 35 anos. Mas vejo que a sua beleza perturba muitos homens. Talvez os seus gestos sensuais atraiam muitos.

— Na verdade, Sr. Rudolf, sou uma mulher que luta muito para conseguir o que quer. E o senhor... Bem, eu confesso que é um homem fascinante. Um líder nato e um grande conquistador.

Rudolf pega o celular e me mostra. O vídeo estava ligado e vi as fadas segurando meu companheiro. Elas olham para a câmera e provocam:

— Vem buscá-lo, vadia!

Vejo meu rádio e noto que a transmissão vem de dentro da mansão. Olho para Rudolf sorrindo e ele diz:

— Não se preocupe com o Lord Dri, ele está apenas sendo vigiado enquanto conversamos. Venha... Vamos para o meu quarto. Gostaria de conhecê-la melhor, e também a sua cruz.

Eu aceito o convite e concordo com seu plano até eu poder ter o microchip em minhas mãos.

— Sim. Acho que deveríamos nos conhecer melhor.

— Que ótimo, Morticia. Sei que vai me adorar.

— Não seja presunçoso, querido Rudolf. Eu costumo deixar os homens impressionados.

— Disso eu não tenho dúvida. Aliás, Morticia... Eu adorei o seu vestido. Meu apetite só aumentou.

— Era essa a intenção, querido.

Quando chegamos no quarto, todos os móveis eram da cor vermelha e branca. Um verdadeiro local para fazer amor. Rudolf era mesmo muito



dedicado às artes de sedução. Mas o que ele não sabia é que eu inventei a maioria delas.

Ele fecha a porta e vem ao meu encontro para me beijar, mas em vez de aceitar, viro o meu rosto e beijo seu pescoço. Fico lambendo até morder seu ombro bem de leve e ele comenta com uma voz bem excitante:

— Vampiras... Adoro essas mulheres fascinantes que nos seduzem com seus beijos e mordidas pelo corpo.

— Você ainda não viu nada, querido. Deite-se que vou mostrar técnicas que jamais imaginou conhecer.

Rudolf se deitou. Fui até a janela, estava aberta e o vento batia no meu vestido vermelho dando uma visão bem excitante para ele. Peguei as maçanetas da janela para fechá-la quando uma mão me segurou pelo lado de fora. Olho para baixo e vejo Dri fazendo sinal de silêncio. Olho para Rudolf e digo:

— Oh! Parece que meu braço se enroscou na janela aqui fora. Vou me abaixar um pouco.

Eu me abaixo para falar com o Dri.

— Como escapou?

— Descobri que as fadas não gostam muito de sal e eu tinha um pouco no meu bolso. Consegui jogar nelas e ficaram secas.

— Estou a um passo de pegar o microchip. Veja se o nosso motorista está esperando enquanto termino isso aqui!

Dri me dá um beijo na boca e diz:

— Tudo bem, querida, esperarei no carro.

Nisso Rudolf questiona:

— Querida... Está tudo bem aí?

— Sim, Rudolf, apenas não queria que meu vestido rasgasse.

Fechei as cortinas e fui ao seu encontro na cama. Deitei nela como uma gata selvagem. Toquei em meu corpo enquanto ele me acariciava. Seu toque era forte. Sabia como segurar uma mulher. Ele abriu meu vestido com experiência. Deslizou facilmente em suas mãos. Fiquei só com o sutiã e a calcinha. Seus beijos eram suaves. Certamente ele deixaria muitas mulheres enlouquecidas com seus contatos firmes e eficientes. Sua língua passava em meu pescoço e ia descendo até os meus seios. Beliscava, mordida e me lambia com atitude. Sempre me olhando



e querendo mais. Sou experiente e deixo mostrar tudo o que sabe. Deixo ele me satisfazer e, às vezes, até dou uma ajuda para mostrar o que mais me agrada, direcionando sua mão no meio das minhas pernas. Beijamo-nos e ele coloca a outra mão embaixo do travesseiro. Mesmo excitada, imaginei que ali seria meu fim. Morreria tendo um orgasmo. Mas não tinha nenhuma arma. Ele apenas puxou uma pequena caixa e colocou em cima dos meus seios... Eu sorri, pois a sua outra mão ainda estava dentro de mim. E eu coloquei rapidamente a caixa para o lado e o abracei com força, mostrando minha total resposta ao orgasmo que estava tendo.

Quando terminou, ele me disse:

— Este foi o primeiro de muitos. A noite mal começou.

Peguei a caixa e o abracei respondendo com ansiedade:

— Sim, Rudolf, a noite ainda nem começou.

Beijei novamente seu pescoço e dei uma mordida que o surpreendeu.

Ele tentava me largar, me afastar, me soltar... Mas eu era bem mais forte. A mordida era profunda e senti em pouco tempo o sangue entrar em minha boca. Comecei a sugá-lo sem compaixão. Todo o sangue que vinha em minha boca era um prazer incrível. Um prazer único que guardo de cada vítima que tomo. Este, sem dúvida, seria um banquete que jamais esqueceria, mas antes...

— Rudolf... Querido, olhe pra mim... Você sempre gostou de mandar nos outros. Gostou de ter poder e ser líder... Mas agora, querido... Agora perdeu tudo. Seu físico também ficou descuidado. Está gordo e ninguém olha mais para você. Os outros riem quando você dá uma ordem. As pessoas estão cuspiendo em você. Seu dinheiro não vale mais nada. Seus amigos não gostam mais de você. Está sozinho... Isolado do mundo... Dentro deste quarto... Não existe mais nada que possa fazer... Mas eu posso te ajudar... Você gostaria?

— Sim, Mortícia! Por favor, me ajude! Farei qualquer coisa...

— A única maneira de ajudá-lo seria morrer em meus braços, querido... Ou pode ficar aqui sozinho para sempre.

— Não... Não quero ficar sozinho aqui neste quarto... Me mate, por favor! Acabe logo com isso, Mortícia...

Conforme seu pedido, continuei a drenar o seu sangue até que ele finalmente se entregou à morte.



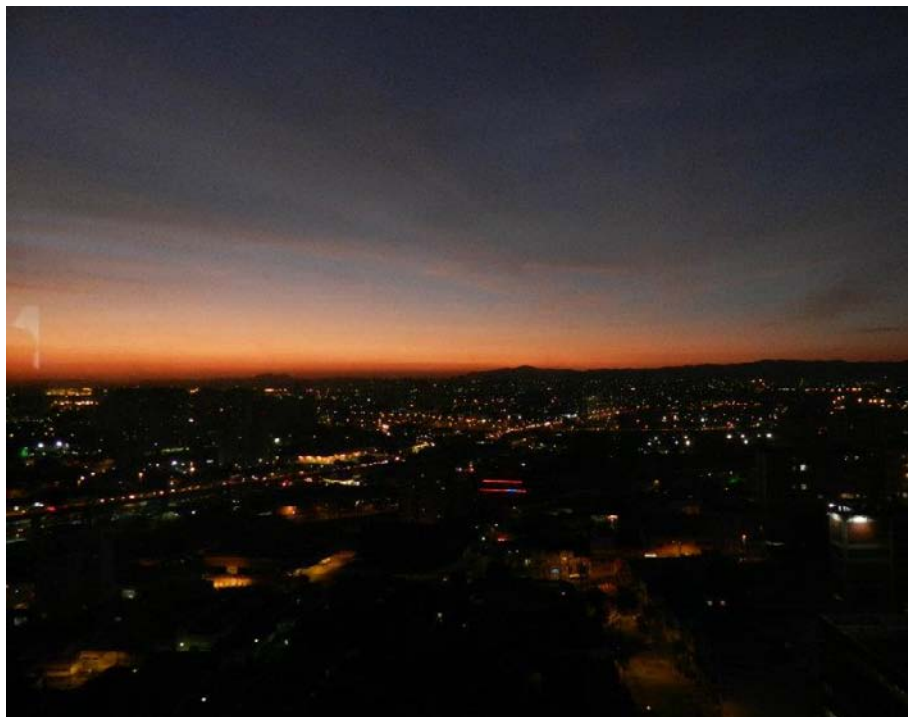
As roupas e a cama estavam cheias de sangue, combinando perfeitamente com as cores do ambiente.

Peguei o meu vestido e a caixa que tinha o microchip e saí do quarto, sorrindo. No caminho, encontrei alguns seguranças que tive facilidade em liquidar. Fui até a cozinha e deixei o gás ligado. Depois peguei uma lata de spray, joguei dentro do micro-ondas e saí correndo para o encontro com o Dri e o motorista Claudinei. Dri me viu correndo e disse:

— Venha, Morticia! Estamos aqui!

— Ligue o carro e vamos embora... Rápido!

Quando o carro saiu, a mansão toda começou a explodir.





# Uma Vampira na Cidade

– Parte 6 –





— O que você fez com o líder de Lacrost? – pergunta Claudinei.

— Dei um fim nele.

Dri olha para os meus lábios cheios de sangue e pergunto sorrindo:

— Quer um pouco, querido?

Antes que ele responda, eu o beijo, esfregando minha língua em seus lábios.

— Henrique me ligou e disse que você tem que ir vê-lo – prossegue o motorista.

— Como é que é?

Ele para o carro no acostamento.

— Você tem um acordo com ele e vou levá-la.

Dri se manifesta.

— Vou com você.

Claudinei sorri.

— Ele a quer sozinha.

— Sozinha ela não vai.

— Então o chip é nosso.

Claudinei puxa das minhas mãos a caixa que contém o chip e sai da Van correndo.

Saio rapidamente e o Dri me segue. Agarro Claudinei pelo braço.

— Não sabe com quem está lidando, querido.

Ele me olha assustado, gritando de dor.

— Me solte, Morticia! Se me matar, Henrique virá e será pior. Lembre-se... Você tem um acordo com ele.

Solto seu braço deixando uma queimadura enorme, seu corpo não consegue se regenerar.

Dri fica a nos olhar, assustado. Claudinei, com dificuldade pergunta:

— O que você fez comigo?

— Só te mostrei que não deve me subestimar e, aliás, não me trate como “você”, pois você não tem esse direito. É Lady Morticia, e caso esqueça, já sabe o que vai acontecer. Acredite, a dor será maior. Agora... Me dê a caixa!

Ele me entrega e entra na Van.

— Dri, acho que agora você deve ficar com isso.



— Eu?

— Sim, você.

Ele pega a caixa e abre.

— Morticia... Não tem nada aqui.

Olho para a van e ouço uma gargalhada do Claudinei, que finaliza dizendo:

— Ele vai ligar para vocês.

Claudinei joga a minha bolsa pela janela e sai acelerando a van, sumindo na curva.

— Eu vou matar...

Antes que eu termine a frase, Dri fala bem seco:

— Acho que ele te enganou.

Olho para o Dri com fúria.

— Você acha? Eu não estou de bom humor. Para falar a verdade, estou de péssimo humor. Você ainda fica...

Ele me interrompe me dando um forte beijo.

— Agora estou com mais ódio ainda.

Ele sorri.

— Para de manha! Sei que você gostou.

— Você não...

— Já sei que não valho nada e você também não. Agora temos que focar em como vamos voltar.

O celular começa a tocar, eu atendo.

— Oi, seu filho de uma...

Ele me interrompe.

— Nossa, Morticia... Quanto amor. Só quero ter certeza de que não se esqueceu do nosso acordo.

— Quero meu chip agora, senão... Você sabe do que sou capaz.

— Não quero você nervosa querida, venha até mim sem o Dri. Nossas conversas não dão bons resultados quando ele está por perto.

— E como acha que vou fazer isso se seu parceiro fugiu com o único transporte que tínhamos?

— Isso não é problema meu, minha querida.

Ele desliga o celular.

— Eu te juro, Dri, vou fazer o Henrique sofrer.

— O que ele disse?



— Quer que eu vá até ele, mas sem você.  
— E o que você vai fazer?  
— Vou até ele e você arruma um jeito de se hospedar em algum lugar. Ele pega em minha mão.  
— Eu confio em você. Vá, eu estarei te esperando.  
Eu o beijo mordendo seus lábios.  
— Não precisamos fazer a troca de sangue novamente.  
— É só para garantir que não vou te perder.  
Ele me beija mais forte, arranhando meus lábios com os seus caninos.  
— Ah, Morticia! As armas de Lacrost estão em um galpão do lado oeste, a uns três quilômetros da mansão dele.  
Saio rapidamente. Aos poucos vejo Dri sumindo na curva da estrada. Por que Henrique está fazendo isso agora? Ele sempre me ajudou e sempre foi leal a mim. Isso cheira mal. A última vez que o vi, meus planos acabaram em uma cama de lençóis vermelhos. Agora, tenho alguém ao meu lado. Alguém pelo qual eu lutei para ter. Não acho justo que Henrique embaralhe meus sentimentos.  
Antes de concluir meus pensamentos, vejo um carro vindo em minha direção.  
— Essa é a hora.  
Entro na frente do carro, surpreendendo o motorista. Aos poucos ele começa a parar, mas acaba encostando na minha perna sem me ferir. Finjo um desmaio e caio no chão. O homem sai do carro.  
— Ai meu Deus! Moça, você está bem?  
Ele chega mais perto pegando em meu braço.  
— Nossa! Você está gelada... Ai meu Deus! Eu a matei!  
Abro meus olhos bem devagar.  
— Isso, continue acordada. Vou levar você para um hospital.  
Ele me pega em seu colo e me carrega até o banco traseiro do carro. Abro os olhos e fixo nos dele.  
— Querido, quanta gentileza. Beije-me.  
Ele me beija, mas suas mãos ficam sem ação.  
— Quero que me leve a um lugar. Você concorda com isso?  
— Sim, princesa.  
Começo a rir.  
— Princesa? Já fui uma rainha, querido.



— Minha rainha, aonde quiser eu a levarei.

Continuo a rir.

— Sim! Mas antes quero sentir seu néctar.

Puxo para mais perto de mim e o mordo. Seu sangue é maravilhoso, mas me contendo, nesse momento preciso de um motorista.

— Agora dirija, dê a volta, estamos na direção errada.

Ele fecha a porta do carro e pula para o banco da frente. Enquanto ele dirige, me concentro no cheiro e no sangue de Henrique, canalizando minha força para encontrá-lo.

— Vire à direita, querido.

Ele segue o meu comando com um sorriso em seus lábios. De todas as minhas vítimas, ele é o único que não precisou ser induzido a sorrir por fazer algo contra sua própria vontade. Fez naturalmente.

Chego perto de seu pescoço.

— Conte-me, querido, o que você mais ama em sua vida? Vire à esquerda!

O sorriso não saía de seus lábios.

— Você!

Afasto-me dele, assustada.

— Eu a amo sem ao menos conhecê-la.

— E nem queira.

Fico a pensar como vou matá-lo se sou sua maior paixão. Posso usá-lo para a minha defesa.

— Ganhou algumas horas vivo, meu querido.

Sinto Henrique mais forte agora.

— Pare em frente a essa mansão.

Desço do carro e respiro o ar... Tem vários lobisomens no local.

— Isso vai ser interessante.

Olho para o rapaz. Ele está como uma estátua e ainda continua sorrindo.

— Quero que fique dentro do carro.

— Sim, minha rainha.

— Me dê o seu pulso.

Ele o estica, passo forte a minha unha nele. Sua expressão não muda e cada vez mais me fascina. Desenho uma marca para criar um elo entre nós, assim, se eu estiver em perigo, o chamo para me ajudar.



Uma técnica antiga, mas que nunca falha. É perigosa para vampiros recém-transformados, pode enlouquecê-los, deixando eles dependentes de nossas ordens para tudo. Humanos são fracos, mas ainda assim, servem muito como uma distração.

Vou em direção ao portão. Um lobisomem está impedindo a entrada.

— Onde está Henrique?

O lobisomem abre o portão sem dizer uma palavra. Entro e vejo mais alguns lobisomens até a entrada da mansão.

— Sabia que viria, minha amada – diz Henrique.

Olho para ele com fúria.

— Sabe por que estou aqui! Me dê o chip.

Ele passeia pela grande sala.

— Sabe porque estou como sempre, nervosa, apressada e rápida.

— Rápida? Acho que se fosse tão rápida já estaria com o chip. Querida, vou te dar o que é seu por direito, mas o que houve com a minha parte nessa história?

— Não houve nada. Como prometido, as armas de Lacrost estão em um galpão do lado oeste, a uns três quilômetros de sua mansão.

Ele começa a gargalhar.

— A localização eu já sei, mas como vou pegar as armas, deve ter uma forte segurança no local.

— Isso já não é mais problema meu, querido.

Ele retira de dentro do bolso da calça o chip.

— Você é uma pessoa difícil de negociar.

Corro para perto dele pegando o chip de sua mão e respondo:

— Será que sou mesmo?

Ele sorri, me puxando para mais perto de seu corpo, me beijando forte. Então o empurro.

— Não me toque! Não sou mais tua!

— É do Dri agora?

— Não é do seu interesse! Já tenho o que eu queria.

Corro até a porta, mas dois lobisomens a fecham do lado de fora.

— Abra a porta, Henrique! Não estou pedindo, estou mandando.

Ele chega mais perto me encostando na porta.

— Está em meu território! Aqui, quem faz as regras sou eu.

Como sempre, Henrique está bancando o durão. O empurro fazendo



com que ele caia no chão. Subo em cima dele, agarrando seus braços e o deixando imobilizado.

— Se esqueceu com quem está mexendo?

Ele sorri.

— Não! Por isso está aqui.

Ele ergue sua cabeça encostando sua língua no meio dos meus seios.

Retiro minhas mãos de seu pulso para empurrar sua cabeça, ele se aproveita do momento e me empurra fazendo com que eu caia ao seu lado, logo ele sobe em cima de mim, agarrando meus pulsos com uma só mão.

— Não mudou nada, Morticia.

— É... E nem você.

Olho para sua calça e ele segue meu olhar. Levanto uma de minhas pernas dando uma joelhada em suas costas, jogando-o em seguida para o lado. Levanto-me do chão rapidamente e dou um chute em seu estômago. Ele geme de dor.

— Está gostando? Posso fazer muito mais se continuar com isso.

Preparo outro chute, mas ele segura minha perna me derrubando com o rosto no chão. Deixo o chip cair para debaixo de uma mesa. Tento chutá-lo com a outra perna, mas ele consegue segurar também, subindo aos poucos em cima de mim. Começo a arranhar o chão para fugir dele, mas é inútil. Ele me segura cada vez mais.

— Sabe de uma coisa? Você também quer.

Ele prende minhas pernas com as suas e com uma das mãos ele começa a rasgar o meu vestido. Sua respiração ofegante em cima de mim me arrepia.

Paro de me mexer.

— Isso... Fique quietinha.

Continuo imóvel.

— Morticia, você está bem?

Ele chega com o rosto mais perto do meu, o arranho e rapidamente o empurro. Ele grita segurando a face. O ferimento começa a fechar.

— Minha vez, querido.

Avanço em cima dele e rasgo sua camisa, meus lábios percorrem seu pescoço, minhas mãos o seu cabelo. Suas mãos agarram meu corpo para perto de si. Ele me beija forte, abre meu sutiã, arranca minha cal-



cinha e me joga no chão. Abre seu cinto e desce as calças com rapidez.

— Me diz se você não sente falta deste corpo.

Ele retira sua cueca e abre minhas pernas, penetrando com muita força, fazendo com que seu pênis entre inteiro dentro de mim, arrancando um gemido tão forte que estremece a prataria de uma estante. Ele beija meu pescoço e fica penetrando cada vez mais forte. Começo a arranhar suas costas, abrindo enormes feridas. Ele começa a uivar, suas mãos ficam mais agressivas que chegam a arranhar a minha pele. Seus olhos verdes ficam mais destacados. O prazer era total, cada movimento era premeditado. Nenhuma palavra era capaz de descrever seus toques, seu jeito e suas técnicas. Henrique sempre soube me seduzir. Mal podia dizer não para ele. Nossa história é antiga, não posso dar um fim a ela sem ao menos ter o prazer de tê-lo mais uma vez.

Algumas horas depois...

— Eu sabia que um dia eu a teria novamente em meus braços.

Deitada em seu peito, fico a pensar em tudo que acabo de fazer.

— Não consigo dizer não para você, não é? Deveria matar você, acho que assim o esqueceria.

Ele sorri.

— Seu senso de humor me fascina.

Ele estica sua mão e pega o chip.

— Está aqui o seu chip, tomei a liberdade de ver seus dados, eles estão intactos. Deveria sumir com isso.

Olho em seus olhos.

— Não fez nenhuma cópia?

— Ele pede uma senha, não teria nem como. E não estou interessado nisso.

— Acho bom mesmo. Já estou cansada de traições... E por falar em traições, onde está seu amigo Claudinei?

— Em segurança, você o machucou feio, o ferimento que fez nele nem seu sangue consegue regenerá-lo.

— Ele me subestima, não gosto disso.

— Deixe-o fora disso. Ele só estava cumprindo ordens.

— Não sei. Vou pensar no caso.

— Me beije, querida.



Eu o beijo, mas uma forte sensação de perigo me faz parar.

— O que foi, Morticia?

— Dri está em perigo.







## Uma Vampira na Cidade – Parte 7 –



Depois que saí correndo da casa do Henrique, fui tentar saber o que aconteceu com o Dri. Henrique prometeu ajudar e me informar qualquer novidade. Com todos procurando o chip, seria perigoso para o Dri. Poderiam capturá-lo, pensando que ele pudesse estar com o chip. O rádio que roubamos no leilão pode ajudar a encontrá-lo, pois tem GPS. Mas a localização não é muito precisa... Talvez... A fábrica abandonada da região seja o único local para encontrá-lo. Dessa vez, preciso de um veículo diferente.

Olho para os lados e vejo um casal conversando na calçada. Um rapaz de moto passa correndo e pega a bolsa da moça, que grita:

— Socorro! Ladrão!

Corro em sua direção e fico pulando de carro em carro no trânsito até que ele diminui a velocidade por causa do farol.

— Esta é minha chance.

Pulo sobre ele que cai da moto e tenta correr, mas eu o alcanço com facilidade e o seguro na parede. Com a minha força, sorrindo, olho para ele e o deixo sob meu poder.

— Então você gosta de adquirir as coisas dos outros?

Eu beijo a sua boca e rasgo a sua camisa. Cravo minhas unhas em suas costas enquanto ele me responde:

— Sim. Eu faço isso todo dia.

— Bom, meu querido... Olhe bem para os meus olhos e veja o que você conseguiu...

O ladrão olha para a bolsa e vê muitos insetos passando pelo seu braço e entrando em suas roupas. Eu o seguro e ele fica em pânico.

— Me ajude! Eles estão entrando no meu corpo...

— Mas não era isso que queria? Obtê-los? Agora os tem por todo o seu corpo. Eles vão fazer parte da sua vida agora... Se beijar alguém, os insetos vão sair e atacar. Acontecerá o mesmo com todas as pessoas que você abraçar. Você também não vai conseguir comer nada, pois eles vão querer se alimentar primeiro e sairão da sua boca para a sua comida. Quando beber algo, vai acontecer a mesma coisa. E quando você for no banheiro, eles irão sair pela sua bunda e voltarão rapidamente.

— Me ajude! Por favor! Não eu não quero... Tire eles de mim! Tire, por favor!

— Você pode escolher... Ou vive assim ou se entrega para meu beijo



mortal.

— Me beija... Me morda... Me mate... Mas deixe eles longe de mim! Eu o abraço e dou a minha mordida fatal... Enquanto eu sugo seu sangue, olho para o casal que fica assustado. Eles pegam a bolsa da mão do ladrão e ficam dizendo baixinho.

— Ela é um monstro... Um demônio.

— Venha, querida, vamos embora antes que ela nos devore também – diz o rapaz.

Eu escuto tudo... Um monstro... Talvez seja melhor que isso... Olho para eles, rio de seus medos e os provoco, rindo.

— Vão embora ou serão os próximos...

Assim que eles partiram, peguei a moto do rapaz e corri para a fábrica abandonada.

Quando chego na fábrica, escuto barulhos de espancamento e gemidos de dor seguidos de tosse.

Subo e olho pela janela. Vejo Dri amarrado em uma cadeira. Uma mulher vermelha, careca e com chifres usa o seu rabo enorme para apertar com força o seu pescoço, enquanto uma mulher ruiva vestida de preto usa encantamentos para espetar estacas de madeira no peito do Dri. Por alguns segundos eu ouço a conversa deles.

— Ou você diz onde está o chip ou vou transformá-lo em um queijo suíço com minhas estacas pontiagudas! – diz a bruxa ruiva.

— Eu posso enforcá-lo em segundos com o meu rabo e ainda arrancar sua cabeça, seu vampiro idiota.

Em meio a tossidas, Lord Dri diz:

— Calma, garotas, tem espaço para todas. Peguem a sua senha e esperem na fila como toda boa menina faz...

Se continuarem torturando o Dri assim, logo ele vai desmaiar. Preciso agir agora mesmo.

Arrebento a janela e pulo em frente ao Dri, que responde de imediato.

— Se veio gravar um vídeo para colocar na internet, a minha melhor posição é do lado direito.

Olho para elas e analiso a situação... Demônia e Bruxa. Fraquezas: temperatura gelada para a demônia e boca fechada para a Bruxa não proferir encantamentos. Duas dificuldades. Preciso distrair a atenção



delas.

— Não posso virar as costas para você que já aparecem duas bitches no seu pé?

— Ah sim! Eu precisava me entreter enquanto você estava ocupadíssima com o lobinho mau. Aliás, deve ter sido bem emocionante, já que ficou um bom tempo por lá.

As mulheres entram na conversa. A bruxa fala primeiro:

— Espera aí! Não sei quem é você, sua vampiriguete, mas eu vou transformá-la em uma estátua de gelo.

— Ah, é mesmo? E qual é o encantamento pra isso nessa sua agenda mequetrefe?

Dri interrompe dizendo:

— Conversa maçante... O Henrique deve ter queimado suas ideias.

— Dri, isso não é justo. Eu não queria nada com ele.

— Bem... Mas não foi isso exatamente que aconteceu, né? Bem me quer ou mal me quer? Na dúvida, fica com a flor inteira... Sei.

— Dri, eu...

A bruxa comenta:

— Dá pra calar a boca, vocês dois?

A bruxa pega o seu livro e mostra a página. O Dri responde:

— Dá licença, mas ta havendo uma discussão de casal aqui... Deixa recado após o bip...

— Parem com isso! É esse encantamento aqui! Está vendo? Estava duvidando de mim?

— Eu não estou duvidando de você, Maga Patalógika. Você é que está se metendo em nossa briga e não deveria fazer isso. Agora me dá esse livro aqui que vou transformá-lo em gelo, assim ele pode me ouvir – digo.

— Não! Eu ainda tenho que interrogá-lo!

Eu pego o livro dela, chego perto do Dri e ele engole a seco.

— Espera aí, vai, Mortícia... Falei isso porque não gosto de ver aquela bola de pelo enrolado com você.

Eu olho com ódio para o Dri, mas logo em seguida olho para a bruxa e digo o encantamento... Ela fica surpresa e, antes de dizer algo, se transforma em uma estátua de gelo. A demônia fica gritando.

— Gelo! Malditos! Não posso ver gelo... O frio me espanta e dá cala-



frios.

— É essa a intenção...

Seguro a estátua de gelo e jogo na direção da demônia. A estátua cai em cima dela. Ela grita muito e pragueja.

— Maldita! Vou acabar com sua raça!

— Não antes de dizer umas coisinhas... Para que queriam o chip? – pergunto.

— Os dados que estão nele podem fazer qualquer um de nós ser o líder desta cidade. Existem várias criaturas que querem esse chip para saber onde todos se escondem, e atacá-los sem compaixão. Poderemos destruir todos ou apenas comandá-los. É um poder infinito.

— Olhe para meus olhos, demônia. O gelo já paralisou e "queimou" seus braços e pernas. Logo vai parar seu coração. Ficará em um museu congelada para sempre e as crianças vão cuspir em você. Será vista como o próprio diabo. Será levada para as igrejas como um símbolo de destruição. Será ridicularizada por toda a sua vida.

— Não... Não pode fazer isso...

— Eu posso salvá-la, se quiser...

— Como? Eu faço qualquer coisa.

— Então me deixe ajudá-la.

Pego com as duas mãos o seu rosto. Olho para ela com uma cara de compaixão e, sem que ela perceba, eu viro a sua cabeça quebrando o seu pescoço.

Olho para o Dri... Ele ainda estava surpreso com minha selvageria. Mas ele precisava descansar para recuperar as energias. Eu me aproximo... Desamarro seus braços e pernas. Ele mal podia andar, mas tentou falar...

— Mortícia... Eu... Fico feliz que está aqui.

— Mas eu amo você. Jamais deixaria você assim. Além disso, juntando as duas não chegam nem perto do que sou. Agora não fale... Deve descansar... Vamos voltar.

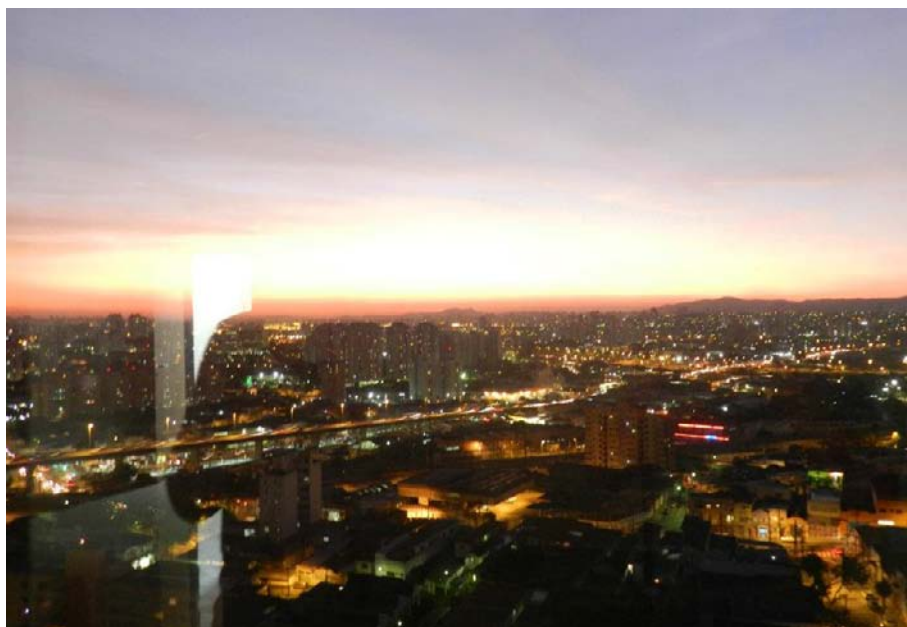
Ele começa a tocar em meu corpo e seus olhos começam a brilhar...

— Eu preciso de você agora.

Ele rasga minhas roupas e eu rio muito... Ele me beija e me encosta na parede. Segura meus braços. Rasga toda a roupa que eu havia conse-



guido com Henrique, já que o vestido tinha sido inteiramente destruído, enquanto morde meus lábios. Esse era o Dri que eu conhecia. Beija e morde meus seios. E eu me esfrego em seu corpo. Somos tomados por muita luxúria e desejo. Nossos corações agora são apenas um e tudo que existe não interessa naquele momento. Eu e o Dri estávamos em puro êxtase. Mordeu meu pulso e começou a tomar meu sangue. Seus olhos brilhavam e a sua sede era devastadora. Seguro seus cabelos e o aperto com mais força. Ele me olha com a boca cheia de sangue e me dá um beijo bem ardente enquanto me penetra com força e as nossas energias começam a passar por nossos corpos. Somos cobertos pela energia que nos deixa apenas gemendo e gritando de prazer. Começamos a levitar e paramos no teto. Nossos corpos não têm mais gravidade. Passamos por todas as paredes e tetos daquela fábrica e, finalmente depois de muitos orgasmos, ficamos em silêncio, abraçados e olhando um para o outro. Deitei-me em seu peito e fiquei ali pensando como é bom tê-lo de volta e por estar perto de mim.





# UMA VAMPIRA NA CIDADE

## – PARTE 8 –



— Dri, temos que sair daqui antes que mais alguém venha atrás de nós.

— Tudo bem, Morticia, mas para onde vamos?

Olho para ele ajustando minha roupa.

— Não disse para você procurar um lugar para ficarmos?

— Olhe à sua volta... Não vê que eu estava ocupado?

— Sim, você estava muito ocupado, tive até que entrar na briga para te salvar. Homens não sabem fazer nada sozinhos.

— Para de ficar se gabando e vamos sair logo daqui.

Terminamos de nos arrumar e saímos do galpão.

— Vamos para a mansão do Henrique.

— Quê?!

— Ele está do nosso lado, Dri.

— Claro que ele está! Até te obrigou a ir até lá e se deitar com ele para obter o chip.

— Quer esquecer isso? Vai jogar na cara até quando?

Ele me olha sorrindo.

— Só estou comentando.

— Vamos ou não?

— Você é quem sabe.

— Então vamos, tem uma moto atrás do galpão.

— Você adora uma moto, não é?

Subimos na moto e fomos em direção à mansão de Henrique. Ao chegar, encontramos os lobisomens de Henrique, armados e em volta da mansão. Estavam em todos os lugares.

Dri me olha com uma cara de surpresa.

— Não sabia que eu teria toda essa recepção.

— Não é para você, Dri, tem algo errado.

Nos aproximamos dos guardas.

— Henrique está?

— Sim! Ele já estava à sua espera.

Dri me olha nervoso e comenta:

— Como assim, "à sua espera"? Já não teve o bastante?

— Dri, fica calmo, talvez o atacaram por causa do chip.





Entramos na mansão. Henrique estava sentado em um sofá grande com os pés em cima de uma mesinha, seu rosto estava todo ferido e seu corpo também, parecia que tinha escapado de uma guerra. Atrás do sofá havia dois lobos... Assim que entramos, eles começaram a rosnar para nós, vindo em nossa direção. Henrique comanda:

— Saiam! Quero ficar a sós com eles. Vejo que consegui salvar Dri, Morticia.

Dri olha com fúria para ele e diz:

— É... Não digo mesmo de você... Fez um ótimo trabalho aqui, Morticia.

Vou até Henrique e furo as pontas dos meus dedos.

— É, Dri... Mas não fui eu quem fez isso com ele.

Passo meus dedos em seu rosto, aos poucos começa a se regenerar.

— Se não foi você... Quem foi?

Henrique responde:

— Minerva.

Olho para Henrique.

— Quem? Não! Minerva não está mais nesse mundo há anos, o conselho a exterminou.

— Era o que eu achava também.

Dri pergunta:

— Querem me explicar do que, exatamente, vocês estão falando?

— Dri, Minerva é a mentora de Henrique, ela me odeia e isso nos torna inimigas. Há 50 anos ela comandou um ataque de lobos a um grupo de vampiros. Mandou matar todos. Nunca soubemos o motivo, mas sei que era para eu estar nesse grupo. Saí antes que ela devastasse o bando, eles me enviaram em uma missão na Suíça. O conselho dos vampiros a capturaram e a exterminaram.

Dri pergunta para Henrique, sorrindo ironicamente:

— Você foi criado por uma mulher?

— Ô, machista! Não se esqueça de que você já foi um caçador medíocre e que foi criado por homem e...

— Tá bom! Já chega! Não precisa terminar, mas voltando ao assunto que “interessa”, se ela foi morta, por que esteve aqui?

— Primeiro achei que fosse miragem quando a vi em meu portão. Ela olhou para os lobisomens e fez com que cada um deles a deixasse pas-



sar. Ela veio até mim me chamado de “meu lobo”...

Manifesto-me.

— Quê? Que história é essa?

— Não fique com ciúme, querida. Ela já não tem mais nada comigo.

Dri olha com raiva para mim.

— E por que se importa com isso, Morticia? Ainda gosta dele, é?

— Não, Dri. Só queria ter certeza de que não ouvi besteira.

Olho para Henrique, que prossegue:

— Como eu estava dizendo... Ela me disse que está mais viva do que nunca e que queria vingança. Ela não sabe sobre o chip e nem contei a ela, mas se ele cair em suas mãos... Ela vai fazer uma guerra e isso inclui a sua morte, Morticia.

— Não se pode matar o que já está morto, Henrique.

— Não pense que ela se esqueceu de você.

— Não entendo por que ela me quer tanto.

— A missão dela era te matar e não o grupo, ela não te encontrou e, por algum motivo do qual ela não me falou, acabou por devastar aquele grupo.

Dri pergunta:

— Mas quem mandou Minerva para essa missão?

— Ela não me disse.

— Pra que você serve? – indignou-se Lord Dri.

Henrique olha com ódio para meu parceiro:

— E por que você está aqui, Dri? Sua presença não é bem vinda nesta casa.

— Só estou aqui por causa da Morticia, ela me trouxe para este lixo onde você vive.

Henrique, já recuperado, avança em cima de Dri e os dois começam a trocar socos.

— Crianças, parem de brigar!

Os dois falam juntos:

— Ele começou!

Os dois continuam a trocar socos, chutes e pontapés.

— Chega! Eu estou cansada de vocês dois!

Corro em direção a eles, pego Henrique pelo pescoço e o arremesso contra a parede. Dri me olha assustado, eu o pego pelo pescoço tam-



bém e o arremesso contra o sofá.

— Agora me escutem, porque só vou falar uma vez! Eu estou cansada dessa briguinha. A minha vida está em jogo e não a de vocês. Em vez de me ajudar, ficam aí brigando como duas crianças. Se essa atitude de vocês continuar, eu não me responsabilizarei pelo os meus atos. Fui clara?

Henrique tenha se justificar:

— Morticia, eu não queria...

Eu o interrompo.

— Não queria, Henrique, mas fez.

Dri questiona:

— O que devemos fazer com relação a tudo isso?

— Bom... O chip está em minhas mãos e sempre esteve. Eu cuido dele por mais de um século. Vou destruí-lo. Mas ainda teremos mais uma busca. Temos que saber quem mandou Minerva e por que ela continua viva.

Henrique complementa:

— Minerva me disse que quando o conselho a capturou, ela conseguiu escapar. Os vampiros que a pegaram disseram ao conselho que a havia exterminado. O conselho acreditou e então divulgou a morte para todos.

— Por um lado foram espertos, mas por outro falharam, pois agora ela voltou e o conselho vai querer a cabeça dela e a deles.

— Minerva disse que eles estavam atrás dela porque achavam que tinha algo em suas mãos... Algo muito poderoso.

— O chip. Mas você disse que ela não sabe sobre ele.

— E não sabe mesmo. Ela veio procurar informações, mas também queria saber sobre você.

— Nunca fiz nada para ela.

— Fez, Morticia. Você me tirou dos braços dela.

Dri deita no sofá colocando as mãos atrás da cabeça.

— Como assim? – pergunto.

— Eu larguei de ser o rei dos lobisomens para me aventurar com você.

— E isso não deu certo, por que não volta para ela? Assim ela me esquece de vez.

— Não a quero e você sabe disso, meu amor, já é...



Eu o interrompo.

— Falou o bastante para mim, querido, agora devo me preocupar com esses vampiros que estão atrás do chip.

— Não existem só os vampiros, mas os lobisomens também, pois ela pode comandá-los.

— Mas por que agora? Por que ela voltou só agora?

— Não sei! Mas sei que foi em uma má hora.

Dri se levanta, vem em minha direção e pronuncia:

— Vou levar Morticia para um lugar seguro e você, Henrique, corre atrás de informações.

— Sim, mas e o chip?

— Vamos destruí-lo agora mesmo.

Henrique liga a lareira da sala.

— Vamos acabar com isso de uma vez.

Jogo o chip e ele derrete rapidamente.





## Uma Vampira na Cidade – Parte 9 –



— Sabe, Dri... Quando você disse que iria me levar para um lugar seguro, eu esperava que fosse um castelo ou uma fortaleza... Mas isso aqui? Uma quitinete no centro da cidade e ainda no primeiro andar? Olha lá embaixo. Está cheio de gente olhando prá gente. Seríamos alvos fáceis.

— Não se preocupe, Morticia. O lugar é muito "sem noção" para a Minerva procurar a gente por aqui. Além disso, com a quantidade de humanos nas ruas, não teríamos problemas de nos alimentar.

— Dri... Eu odeio barulho. Ainda mais gritaria de humanos. Olha aquele carro lá tocando aquela música barulhenta e um monte de gente dançando em volta. É irritante.

— O pessoal chama isso de música. Funk. E é costume encontrar esses carros com caixas de som atormentando a vizinhança.

— Não por muito tempo.

Saio do apartamento e vou em direção ao carro que está tocando aquela música sem sentido. Escuto o Dri gritando para eu voltar, mas não ligo e sigo em frente.

Dou uma boa olhada. Tem oito homens e cinco mulheres dançando em volta do carro.

Não paro nem um minuto. Passo por uma mesa cheia de bebidas.

Pego suas garrafas e bato na cabeça e um homem, logo em seguida, arremesso a outra garrafa na caixa de som do carro fazendo um furo enorme no alto-falante, mas antes que o pessoal veja o que está acontecendo, pego a cabeça de dois homens e bato um contra o outro, fazendo-os desmaiar. Chuto o saco do quarto homem e, quando ele abaixa de dor, dou-lhe uma joelhada. O quinto homem agarra meu pescoço por trás enquanto o sexto tenta me dar um soco no estômago, mas eu subo em cima do que estava me segurando e quebro o pescoço dele.

Faltam apenas três homens. Pego o sexto rapaz e jogo ele para dentro do carro, quebrando o vidro. O sétimo e oitavo homens estão armados com um revólver. <sup>38</sup>; eles atiram, mas meu corpo absorve as balas.

Tomo a arma da mão do sétimo homem e atiro na testa do oitavo, depois atiro no saco do sétimo.

Todo mundo que viu a cena começa a aplaudir.



Dri vem correndo com a mão na cabeça.

— Morticia! Assim seremos descobertos e...

Eu faço o sinal de silêncio e ele fica quieto... O suficiente para ouvir os uivos...

— Eles estão vindo, Dri...

Dri responde com ironia...

— Não faço ideia de como eles nos descobriram, Morticia... Estávamos tão quietinhos, né? E agora? Como vamos deter uma alcateia inteira?

Eu não tenho pneu para ficar jogando na rua para eles seguirem, iguais cãezinhos.

— Lobos não correm atrás de pneus, Dri... Quem faz isso são cachorros.

— O Henrique faz...

— Dri... Isso não é hora de fazer insultos para os meus amigos.

— Ah, eu sei disso, e tem até slogan “Henrique, o melhor amigo do homem!”. Adorei... O que achou?

— Vamos correr! Eles estão perto demais.

— Damas primeiro.

Corremos até um beco... Estávamos sem saída...

— E agora, Dri? Qual é o plano?

— Que tal um grande e sonoro grito de socorro com grande ênfase no “Me ajudem!”?

— Dri... Se esse for o plano... estamos mortos.

Eu olho em volta e vejo acima várias janelas com vidros espelhados.

Eu pulo para o alto e arranco algumas janelas colocando no chão junto com a parede...

— Agora se abaixe e fique quieto.

Os lobos passavam, mas alguns, mais ousados, ficaram parados sentindo o cheio... Dri me comunicou irresponsavelmente:

— Agora, Morticia, vou ensinar como se pega dois lobisomens sem fazer barulho.

Dri sai do esconderijo e segura um lobisomem pelo pescoço, mas o vampiro é lançado na janela que me escondia. Sem pensar, digo com carinho enquanto ataco o outro lobisomem:

— Muito inteligente, Dri. Por que não usou uma sirene? Era bem mais fácil deles saberem onde estávamos.



— É que eu queria ver a sua cara de brava!

Enquanto bato no lobisomem sem perdão, respondo:

— Você quer me ver brava... Mas muito, muito brava?

Depois que eu e o Dri liquidamos os dois lobisomens, corremos sobre as paredes do prédio e paramos no terraço do último andar. Usei uma das antenas de TV a cabo para fazer algumas modificações. Peguei meu celular e acessei um código.

— Você vai ficar impressionado.

Apertei o botão do celular e todas as antenas começaram a se mexer. Meu celular mostrava vários pontos da cidade. Eu mostrei para o Dri e expliquei:

— É a localização de todas as criaturas desta cidade. E se eu tenho sorte, esta marca aqui em amarelo é onde está Minerva.

— Você é um gênio, Morticia.

— Dri... Quando disser algo, diga algo que eu não saiba.

— Você é um tesão e queria transar com você aqui em cima...

— Agora sim eu gostei.

Dri me agarra e nos deitamos no chão... Ele tira a sua camisa e eu a minha. Estava sem sutiã, ele colocou o seu rosto bem no meio dos meus seios e começou a passar a sua língua em torno deles. Subiu em cima de mim e senti rapidamente algo bem forte passando no meio das minhas pernas... Ele estava mesmo muito excitado. Eu estava seminua e o vento era muito forte. Arranhei várias vezes as suas costas. Ele adorava isso! Mordi seu pulso e o sangue jorrava em minha boca. Arrancou a minha calça e minha calcinha e logo senti sua penetração com violência e com gosto. Eu amo quando ele faz isso e lambe meus seios... Eu continuava a arranhá-lo e a mordê-lo. Senti cada impulso que me dava. Eu precisava e procurava com ansiedade meu primeiro orgasmo e com toda a sua forma de me deixar enlouquecida, comecei a perder o controle de todo o meu corpo e gritei muito. Segurei com força o seu corpo... Eu queria mais... Muito mais! Joguei ele no chão. Troquei de posição. Fiquei por cima. Queria ver o seu rosto cheio de prazer. Coloquei bem devagar a sua força masculina bem no meio das minhas pernas e me mexi com muita habilidade, deixando-o cheio de muito prazer. Dancei com meu quadril várias vezes e de formas bem diferenciadas. Tocou em meus seios. Apertou muito e eu apreciei mui-





to seus toques.

Senti cada vez mais ele dentro de mim... Até que ele segurou forte meu quadril e gemeu muito.

Deitei ao seu lado e olhei para ele. Sorriu... E disse:

— Precisamos fazer isso mais vezes...

— Depois que liquidarmos a Minerva, teremos todo o tempo do mundo.

Vejo alguém se aproximando e, quando descobri quem era, achei melhor que o Dri não percebesse, mas antes que eu pensasse em algo rápido, o intruso falou:

— Estou atrapalhando alguma coisa?

O Dri perde a cabeça...

— Henrique, seu desgraçado, não sabe bater?

— Se tivesse porta...

— Então assobia, sua anta peluda!

— Tipo o assobio de lobo... Só se for para a Morticia, que está uma vampira de presença!

Dri fica possesso.

— Repete e soco a tua fuça, lobão bobão.

— Pega leve que você não é meu tipo.

Eu entro na conversa.

— Quem quer ir pro térreo sem escada ou elevador?

Eles olham para mim e percebo que eu ainda não coloquei a minha roupa. Rapidamente cubro minhas partes íntimas com as mãos e digo gritando:

— Olhem para outro lugar enquanto coloco a roupa! Agora... Henrique cadê a ajuda que pedi?

— Ah... Olha só... Henrique chama por celular e um helicóptero aparece bem em frente ao prédio onde nós estávamos.

Digo maravilhada:

— Uau! Henrique, adorei!

Ele vem até mim. Pega delicadamente em meu braço e me leva para o helicóptero.

— Só dizer o seu destino, querida Morticia, e iremos...

Dri aparece e surpreende Henrique.

— A Morticia eu não sei... Mas você vai para o inferno.



— OK vocês dois... Vamos atrás da Minerva e assim poderemos surpreendê-la também.

Dri me questiona.

— Como fez isso com o celular? Soltar um rastreamento para encontrar as criaturas desta cidade.

— O chip verdadeiro, é claro! O que eu queimei era o chip do meu celular. Tive que fazer isso... Estávamos sendo vigiados e seríamos mortos em breve.

Dri conclui:

— Então vamos liquidar a Minerva e vamos para casa.

— Não é tão simples assim, Dri.

Henrique complementa:

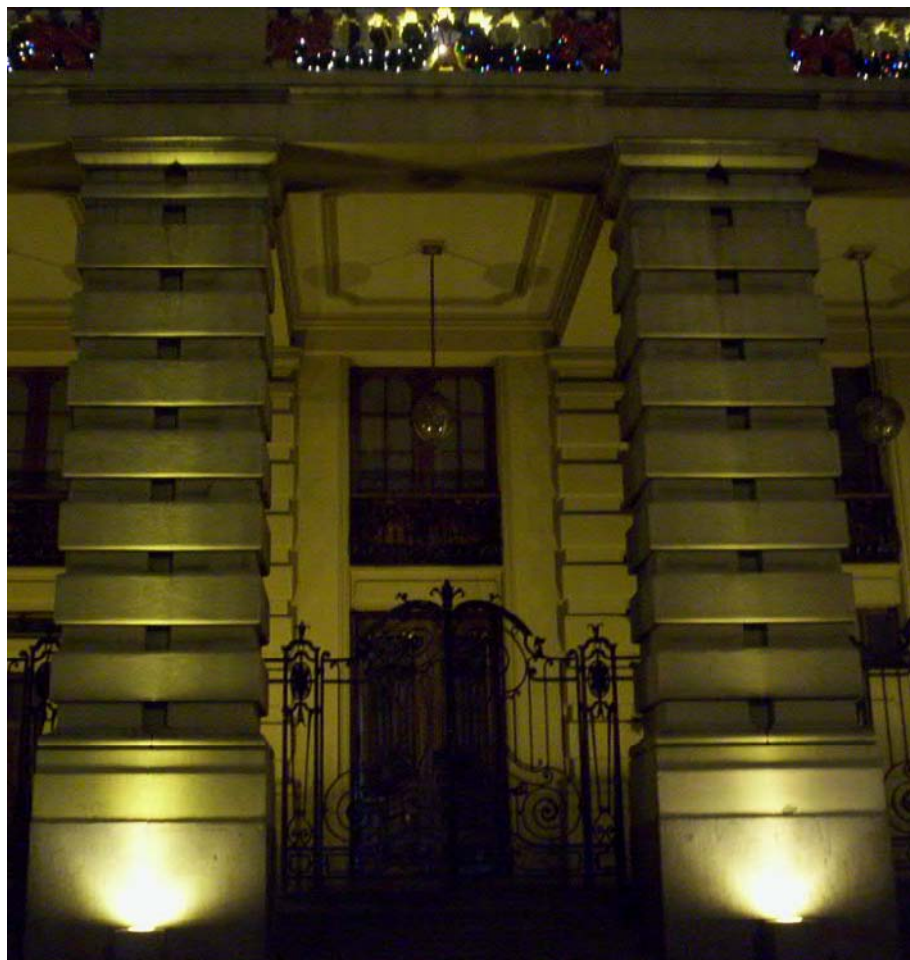
— Ela precisa engravidar!

— O quê? Como assim?

— Ela tem sangue real. Se a matarmos, não existe ninguém mais com esse sangue. Por isso ela deve ser capturada e levada para um departamento científico que conheço para eles injetarem uma droga preparada para gestar um bebê.

— Que ótima notícia...





# Uma Vampira na Cidade

– parte 10 –



Pousando o helicóptero em um terraço, descemos até o primeiro andar de um prédio abandonado para resumir nosso plano. Havia uma janela com cortinas um pouco rasgadas e nenhum móvel.

— Não creio que isso vá dar certo, mas também não custa tentar. Laboratório, departamento? Quem seria capaz de fazer isso?

Henrique responde:

— Bom, não exatamente um cientista, mas podemos contar com alguma bruxa.

— Bruxa? Ta falando sério? Porque não é de seu feitio querer ajuda desse tipo.

— Estamos prestes a entrar em uma guerra e você recusa ajuda.

— Não estou recusando nada, Henrique... Ah... Quer saber! Não temos alternativas.

Dri vai até a janela e avista dois homens armados.

— Pessoal! Acho que temos companhia de novo.

Henrique e eu vamos até a janela também.

— São apenas dois homens. Não acho que seja muita coisa. Deixe comigo, meninos, eu acabo com eles num piscar de olhos.

— Não! Deixe comigo, acho que estão aqui para nos dar um recado. Minerva não é tola de mandar apenas dois homens para nos enfrentar. Se escondam!

Olho para Henrique com raiva e pergunto:

— E você sugere onde, ô, sabichão?

Ele olha para os lados e responde:

— A janela tem uma beirada boa, podem se esconder ali.

Dri comenta:

— É isso que dá confiar no “homem macaco”.

Henrique começa a rosnar para Dri.

— Ai... Que ódio de vocês. Vamos logo, Dri.

Dri e eu pulamos para a beirada da janela, Dri para o lado direito e eu para o lado esquerdo. Henrique fecha rapidamente as cortinas da janela.

— Quietos!

— Fácil falar quando não é você que está aqui em meu lugar.

Ele sorri.



Como vou deixar que esses dois me ajudem quando nada do que eles fazem dá certo? Não deveria ter colocado nenhum deles neste jogo. Olho para um prédio que está a nossa frente. Há uma academia só para mulheres. Elas começam a olhar para Dri que está sem camisa e com o cinto e o zíper da calça aberto. Então olho para ele e falo baixinho.

— Dri! Olha para sua calça.

— Quê?

Aponto para a sua calça. Ele olha e tenta se equilibrar para fechar e não cair. As mulheres começam a rir. Ele olha para elas, mas se descuida da calça, deixando-a cair. Elas ficam a olhar e sorrir para ele.

Olho com fúria para ele. Então ouço Henrique dizer que não há nada na janela além de pombos. Com certeza a risada das mulheres chamou a atenção dos homens de Minerva.

Olho para elas e concentro meu olhar. Mentalmente faço com que cada uma volte para seus aparelhos de ginástica, e converso com Dri mentalmente também.

— Seu Puto! Fez isso de propósito. Ai que ódio que eu estou de você!

— A culpa não é minha, tive que sair com pressa, nem deu tempo de fechar o cinto.

Ele ergue as calças rapidamente.

A janela se abre. Então Henrique aparece.

— Venham logo.

Ele estica sua mão para me ajudar a descer. Dri desce sem muita dificuldade. Então olho para ele, sorrindo ironicamente.

— Obrigada, Henrique querido.

Beijo seu rosto com sensualidade.

Dri fica a me olhar com uma cara de quem comeu e não gostou.

— Então agora ele é “querido”?

— Dri! As meninas da academia querem te ver novamente sem calças.

Ele me olha enfurecido.

Henrique comenta:

— Vamos deixar essa briguinha de casal para outra hora. Os capangas de Minerva, como havia presumido, vieram apenas para dar um aviso. Eles querem fazer um acordo.

— Que tipo de acordo, se ela quer me matar?



— Minerva promete não te matar, mas quer que você entregue o verdadeiro chip para ela.

Dri pergunta:

— Como ela ficou sabendo sobre o chip?

— Eu não sei, mas sei que ela sabe sobre ele agora. Ela quer a cabeça do conselho em suas mãos, principalmente a de quem a ordenou para matar você.

Olho intrigada para Henrique.

— Não entendo o porquê dela querer isso agora.

— Minerva não quer morrer. Tem o sangue puro e não é qualquer homem ou lobo que pode engravidá-la. Tem que ser alguém puro, que jamais tenha tido uma relação sexual com um ser amaldiçoado.

— Isso quer dizer que nem você...

Henrique me interrompe.

— Sim, nem eu posso ter essa honra.

— Honra? Nunca me disse que queria um filho.

— Você também não.

Dri nos interrompe.

— Do que vocês estão falando? Você é uma vampira e você um lobisomem, o que vocês acham que vai sair dessa união?

Respondemos juntos:

— Um “vampiromem”.

Todos rimos e Henrique comenta:

— Vamos parar de gracinha. O assunto é sério.

— É, eu sou mulher, não posso ter um filho com ela.

Henrique diz:

— Temos que nos unir a ela.

— Não, não e não! Tá maluco? É a minha cabeça que está em jogo.

Não posso lutar contra o conselho.

— E por que não? Essa é a única chance que você tem para saber o que eles tanto querem com você.

— Minerva é traiçoeira, não vou deixar que vocês virem reféns dela por minha causa.

Dri se manifesta.

— Acho que as coisas estão indo longe demais. Minerva é a rainha dos lobisomens, por que ela irá querer a nossa ajuda se ela pode atacar sem



piedade e ainda vencer a batalha?

— Mortícia, tem certeza que há cérebro na cabeça desse vampiro? Porque ele...

Antes que Henrique termine, Dri dá um murro na cara dele. Henrique olha enfurecido com o lábio sangrando, entro na frente dos dois.

— Eu vou sozinha conversar com Minerva. Não quero nenhum de vocês comigo, e eu disse nenhum!

Saio rapidamente em direção à janela e pulo, chegando ao chão com perfeição.

As pessoas ficam me olhando assustadas. Olho para uma vitrine e vejo meus olhos vermelhos e meus caninos salientes.

— É... Acho que estou pronta para você Minerva.

Saio rapidamente. Indo em direção a um táxi, entro e o taxista me olha assustado.

— Que foi? Nunca viu um demônio pegando um táxi?

Ele balança a cabeça em discordância.

— Ai... Humanos.

Fixo meu olhar nele.

— Vai fazer o que eu mandar, pois hoje eu estou sem paciência. Então apenas faça sem me dirigir uma palavra sequer, só quando eu quiser a sua opinião. Certo?

— Sim, senhora.

Olho para o celular e localizo Minerva nele.

— Me leve à fábrica abandonada de roupas.

Até que ela sabe se esconder bem.

Chegando ao local, sinto o cheiro de lobisomens por toda parte. Ordeno que o taxista saia e que não volte ao local.

Três lobos se aproximam.

— Tem coragem de aparecer aqui sozinha, Lady?

— Sim! Não sou de fugir com o rabo entre as pernas como vocês.

Eles avançam em minha direção. Pego um deles pelo braço e arremesso em direção aos outros dois. Sinto que outros estão vindo por trás de mim, dou um salto mortal por cima de um, caindo em cima de outro, arranho seu pescoço fazendo com que ele sangre; outros dois vêm em minha direção e me seguram. Eles são fortes.

— Me soltem ou vão chegar queimados no inferno.



Eles me seguram mais forte. Outro se aproxima e me dá um soco no estômago. Grito de dor.

Diz um deles:

— Acho que você é quem vai para o inferno.

Levanto a cabeça e olho para ele sorrindo.

— Eu sou o inferno! Bem-vindo!

Começo a queimar as mãos dos lobisomens que estão me segurando; eles me soltam gritando de dor.

— Dói, não é? Mas não se preocupe. Eu ainda não terminei.

Seguro os dois pelo pescoço.

— Já perderam a cabeça alguma vez? Acho que não... Querem sentir a sensação?

Eles mal conseguem respirar.

— O quê? Não ouvi. Não sabem dizer, deixa que eu respondo para vocês.

Suas cabeças começam a queimar e em seguida seu copo, reduzindo-os em cinzas.

Todos os outros ficam a me olhar e se distanciar de mim.

— Parem todos aí ou será pior.

Eles param e fixo meu olhar neles.

— Já conheceram o inferno alguma vez? Acho que não. Sente esse fogo consumindo vocês por inteiro? Ele vai acabar com cada um de vocês aos poucos. Posso dar a vocês a chance de escolherem se querem morrer queimados ou se querem sentir essa força por todo o seu corpo.

Eles começam a uivar de dor.

— Acho que não entendi.

Um deles se manifesta.

— Termine logo com isso.

— Será o último, então.

Vou até eles e passo minhas mãos no peito de cada um fazendo com que queimem até virarem cinzas.

— Acho que só sobrou você.

Chego perto de seu pescoço e mostro meus caninos.

— Sinto cheiro de medo em você.

— Medo é sinal...

Antes que ele termine, o interrompo.





— De fraqueza, querido, você não passa de um simples cão, pau mandado da Minerva.

— Ela é a mãe da minha raça e minha mentora. Devo lealdade a ela, ao contrário de Henrique, que se vendeu à sua raça medíocre.

— Devia ter mais cuidado com suas palavras, pois Henrique, ao contrário de você, não se rendeu à loucura. Ele sabe que se Minerva continuasse com o plano de exterminar todos da minha raça, ela estaria cutucando leões com vara curta. E como sempre, ela está jogando com você.

— Como assim?

Pego em seu braço trazendo-o com força para trás, o imobilizando.

— Vocês todos são peões em um jogo de xadrez. E pelo jeito ela não está sabendo jogar.

Mordo seu pescoço, seu sangue é amargo, pouco atraente para o meu paladar. O deixo quase seco. Beijo seu lábio e ele começa a queimar, assim como foi com os outros.

Entrei na fábrica, Minerva estava sentada em uma cadeira de vime, com uma coroa em sua cabeça, com os pés descalços e um vestido azul escuro que cobria seu corpo quase por inteiro, deixando apenas um decote em seus seios.

O ambiente estava com pouca luz, a única era a que iluminava seu corpo.

— Vejo que se divertiu matando as minhas crianças.

— Se fosse uma boa mãe, Minerva, não as deixaria brincar com um demônio.

Ela fica a me olhar.

— Vejo algo diferente em você, Morticia, está mudada. Seu cheiro mudou também. Essa parte maléfica que há dentro de você está tomando conta do seu ser.

— Não existe parte maléfica, eu sou assim e sempre fui.

— Você sabe que Henrique e Dri não poderão te salvar quando se tornar o que você é de verdade.

— Cale sua boca! Não sabe nada sobre mim. Henrique e Dri estão a salvo agora. A conversa aqui é de mulher para mulher, mesmo achando que você não é mulher o suficiente para me enfrentar.

— Não esteja certa de que eles estão a salvo.



As luzes se acendem. Atrás dela está o Dri amordaçado e com as mãos amarradas. Ele estava de joelhos, vigiado por alguns lobisomens, mas Henrique não estava ali. Podia sentir seu cheiro, mas eu não o via.

— Solte Lord Dri, sua vadia! Lute comigo como uma mulher.

— Gosto de te deixar preocupada, querida, sei que está tentado saber por que não senti o medo de Lorde Dri. Se ele deixasse que sentisse, iria vir atrás dele antes de ver o que eu fiz com o meu amado.

Ela está falando de Henrique.

— Onde ele está?

Uma porta se abre do lado direito. Henrique aparece sem camisa com uma coroa semelhante à dela.

— Ele agora será o meu rei.

— O que você está fazendo, Henrique?

Ele me olha com um olhar tenebroso.

— Estou escolhendo o meu lado. Deveria escolher o seu também.

Henrique está muito diferente. O que essa bruxa fez com ele?

— Henrique, está louco? Por que está agindo assim? Essa bruxa...

Antes que eu termine, ele vem em minha direção e segura meu pescoço, me derrubando no chão. Mostra suas garras e me olha enfurecido.

— Mais respeito com minha rainha. Deixe de ser insolente, sua raça está prestes a ser reduzida a cinzas e você continua com essa manha toda?

Com dificuldade, respondo.

— Olhe em meus olhos, Henrique... Não deixe ela te envenenar.

— Não era ela que estava me envenenando todos esses anos.

Olho para ele sem entender o porquê dele estar falando aquilo para mim. Henrique sempre foi leal a mim. Jamais me disse coisas tão horríveis quanto essas. Não pode ser o Henrique que conheço. Minerva comenta:

— Henrique, menos força, eu quero matá-la com minhas próprias mãos. Se continuar assim, não irá sobrar nada.

— Sim, minha rainha.





# Uma Vampira na Cidade

## – Parte 11 –



Não importa o quanto a natureza pode mostrar suas belezas e perigos. Ela sempre vai surgir para nos alertar de que quem realmente manda no mundo é ela. A natureza pode mudar o mundo em pouco tempo e tudo o que a gente conhece hoje já não existirá amanhã. Por isso, quando vejo meus amigos, e Minerva tentando ser a dona deste mundo... Vejo que... Mesmo que ela consiga... A natureza vai destruí-la. Como já aconteceu antes. O poder faz com que as realezas fiquem cegas, e quando chega a destruição, eles lamentam por só pensarem no poder. Tudo isso passa por minha mente enquanto me recupero da dor do aperto no pescoço que o Henrique me deu.

Ele agora anda para o encontro de Minerva e beija a sua mão.

Estou de joelhos, me recuperando. Tento distrair a atenção deles para me fortalecer.

— Nunca vai vencer, Minerva. Não importa com quem estará. Você sempre será uma fracassada.

— Ha há há! Você está de joelhos, Morticia e ainda tem a petulância e a audácia de dizer que não vou vencer? Olhe quem está ao meu lado. Henrique... Seu amigo... Talvez amante. E olhe ali amarrado e indefeso... O “poderoso” Lord Dri. Pense bem nas suas próximas palavras, pois podem ser as últimas.

— Então por que não sai desse troninho de debutante e luta comigo? Por que não mostra ao mundo o seu poder lutando comigo? Todos aqui estão cansados de ouvir você dizer que é “última bolacha do pacote”. E quer saber? Para mim você é uma vaca petulante com síndrome de Cinderela. Esperando seu Príncipe Encantado que nunca virá. Uma vadia periguita que só quer aparecer com uma coroa na cabeça. Vem aqui enfrentar uma mulher de verdade. Uma mulher que sabe muito bem colocar as vadias como você no lugar.

— Como ousa se dirigir a mim com essas palavras sujas, sua imunda?! Prepare-se que vou arrancar todos os fios do seu cabelo e lustrar a sua cabeça com a minha bota.

— Então vem! Vem que quero chutar a sua bunda siliconada tão forte que vai subir para os seus peitos!

Minerva estava enfurecida. Levantou-se com suas garras à frente. Se eu



queria uma encrenca eu acabei de conseguir. Henrique não se moveu. Apenas sorriu e cruzou os braços. Dri estava inconsciente. Alguém precisava acordá-lo e acho que eu sabia como fazer isso.

Minerva agarrou meu pescoço e eu soquei várias vezes a sua barriga, depois segurei minhas duas mãos e levantei para cima me livrando das suas. Finalmente, pulei e dei várias piruetas no ar até chegar no Dri. Dei um tapa em seu rosto e ele abriu os olhos. Ficou olhando para os lados, tentando entender o que estava acontecendo e eu gritei.

— Me ajuda, Dri!

Ele rolou para os lados tentando se livrar das cordas que o amarravam. Henrique estava correndo para impedir que ele se soltasse, mas era tarde. Dri agarrou o Henrique e o jogou para longe. Eles começaram a brigar com muita vontade.

Minerva me agarrou por trás e colocou seu braço no meu pescoço. Segurei seu braço, abaixei indo para trás e empurrei seu corpo para frente. Ela caiu e coloquei minhas duas pernas em seu pescoço.

Henrique joga uma faca de prata em minhas mãos e corre para evitar que o Dri perceba e estrague o plano, mas Dri começa a socar Henrique com fúria enquanto eu tento enfiar a faca de prata no peito da Minerva. Ela me segura e grita.

— Me mate... Mas o Lord Dri mata o Henrique antes. Dois amigos... O que vai fazer? Vai me matar e dar tempo para que o Henrique morra? Veja como o Lord está furioso com ele.

Ela tem razão. Dri está insano. Ele vai matar o Henrique em pouco tempo.

Largo a Minerva e vejo o Dri prestes a dar o golpe fatal no Henrique.

Eu o empurro para a parede e bato a sua cabeça várias vezes... Ele começa a sangrar.

— Henrique é inocente, Dri. Era só um plano para matar a Minerva.

— Não! Eu vi ele te bater. Ninguém toca em você sem pagar.

Ele estava louco... Eu preciso usar meu poder nele.

— Olhe pra mim Dri. Olhe bem fundo nos meus olhos.

Vejo ele olhar pra mim... Começo a ver o seu passado e a contar para ele.

— Você era um bravo caçador... Iria matar os vampiros da sua região.



Foi até o castelo e tentou pegar o mais poderoso, Matheus. Mas ele era esperto e você foi pego de surpresa... Ele prendeu você e, como maldição, o transformou em um vampiro. Matheus fugiu do castelo, mas disse para todos da aldeia que você era o vampiro que matava todos por lá. Você fugiu. Foi para um outro reino. Fraco, foi salvo por uma bruxa. Shyenne. Ela deu abrigo no seu castelo e viveram por lá algum tempo... Até a irmã dela chegar no castelo e tentar seduzi-lo, mas você a negou e, como vingança, ela entregou vocês para os humanos que raptaram Shyenne e a enforcaram... Eram muitos... Você sofreu... Correu para ter forças para se vingar, mas naquela noite, tudo estava escuro e chovia muito. Os raios apareceram e você foi transportado para o século XXI tomando o lugar de um humano... Desde então, você passou a usar o nome de Lorde Danny Ray I, mas assinava como Lord D.R.I. Tentou comprar um castelo e teve que sofrer por uma semana enfrentando várias vampiras. Mais tarde, uma deusa veio ao mundo para transformar você em rei, mas você recusou. Foi aí que eu o conheci. E hoje você assim... Meu... Sempre meu....

— Seu...

Parece que ele voltou ao normal. Eu o largo e ele cai no chão... Olha para baixo e diz.

— Eu não consigo mais seguir em frente. Acho que vou precisar sempre de você por perto.

— Sempre que quiser. Agora vamos ver como está o Henrique.

Minerva havia sumido. Mas Henrique estava lá. Consciente e inteiro.





## Uma Vampira na Cidade – Parte 12 –



Para completar o dia, Minerva fugiu. Henrique e Dri estão feridos, mas inteiros. Eu ainda tenho que desvendar o mistério do homem virgem que a Minerva quer encontrar para reinar com ela. Henrique disse que iria pedir ajuda de uma bruxa. Isso sim completa o meu dia de estresse.

— Henrique! O que sabe sobre a bruxa? E como podemos usá-la para localizar Minerva?

— Morticia, a bruxa que chamei é muito antiga. Ela conhece todas as criaturas sobrenaturais e pode nos ajudar a encontrar a Minerva e ainda nos ajudar a derrotá-la.

— Não confio muito em bruxas – dizia Dri.

— Mas você foi ajudado por uma faz muito tempo. Nem todas são más, Dri. Henrique faça o seguinte. Leve-nos à bruxa para falarmos com ela.

— Tudo bem, mas mantenha este vampiro apaixonado longe de mim.

— Henrique! Tente segurar no pescoço da Morticia novamente e eu empalo sua cabeça e coloco na minha sala.

— Vou dizer uma coisa para vocês dois... Dri e Henrique... Não transformem o meu dia pior do que já está, ou eu juro que serei muito, muito cruel.

Dri e Henrique engolem em seco e desconversam por algum tempo. Até que o Henrique me diz:

— Vou levá-los até a bruxa.

Quando chegamos em uma casa noturna eu pergunto:

— Tem certeza que ela está aqui, Henrique?

— Sim! A bruxa é proprietária de muitas Casas Noturnas da cidade.

— Pelo menos ela tem estilo – dizia o Dri olhando para as estátuas de cavalos soltando fogo pelas narinas.

Vejo o Henrique dizer uma senha para o segurança da Casa Noturna e ele nos deixa entrar. O local estava cheio. Subimos um andar e tinha uma enorme sala. Na mesa, uma mulher de olhos azuis, toda de preto. Os seguranças fecham a porta e Henrique nos apresenta.

— Sharazi estes são Lord Dri e Lady Morticia.

— Eu sei bem quem eles são, Henrique... Como também sei o que querem... Meu preço é alto para isso. Não arrumaria encrenca com Minerva sem antes saber se estou em vantagem.





Eu vejo algo estranho naquela bruxa. Ou ela não está sendo absolutamente sincera ou está escondendo muita coisa... Se eu pudesse chegar mais perto, poderia ter uma ideia do que ela realmente é... Mas a mesa está protegida com alguma defesa que não consigo penetrar. Ela me olha e sorri...

— Conheço seus poderes, Morticia. No momento, não é oportuno que descubra quem sou... Mas minha amiga vai gostar de saber que estão aqui.

Vejo Sharazi abrir uma porta e Minerva estava lá. Eu tento reagir, mas uma parede de fogo é erguida em nossa frente e também na porta de saída. Ficamos presos entre elas. Dri comenta:

— Henrique, você tem realmente tem amigos adoráveis.

— Cala boca, vampiro. Eu não sabia que estavam juntas. Por que não cria um plano B enquanto a gente distrai as duas?

— Eu prefiro reagir do que criar planos, sua bola de pelo.

— Essa bruxa não parece com as que conheço... Ela não disse nenhum encantamento para criar estas paredes de fogo. Deve ser bem poderosa, mas logo eu darei um jeito nela.

Olho para Sharazi e digo:

— E o que você vai ganhar ajudando Minerva?

— Vou me vingar, é claro. Esse vampiro que vocês trouxeram é o Lord Dri. O amante da minha irmã.

Dri fica nervoso e responde:

— Então foi você que entregou a própria irmã para ser queimada? Só por eu não querer nada com você, resolveu destruir o nosso castelo. Lady Shy morreu, mas agora vou me vingar mandando você para o inferno!

— Não seja tão metido, Lord Dri. Não foi por ter me recusado que eu entreguei vocês... Foi para reinar aquele lugar que já estava cheio de problemas. Quando minha irmã foi queimada e você sumiu, eu assumi o reinado e dominamos muitas terras. Mas estou aqui hoje especialmente para entregá-lo de bandeja para Minerva.

Eu fico furiosa e entro na conversa.

— Como assim, Sharazi? Como o Dri seria útil para os seus planos?

— É algo que você não sabia, não é, Morticia? Seu Lord era um caçador antes de ser mordido...



— Mas isso eu já sabia.

Henrique começa a rir e o Dri coloca sua mão no rosto e abaixa. Eu pergunto:

— Por que está rindo, Henrique?

— Não sacou, Morticia? O grande Lord Dri era virgem antes de se transformar em vampiro. Os caçadores daquela época faziam votos de celibato para não cair na tentação dos seres noturnos...

Eu ri... Olhei para o Dri e perguntei:

— É verdade, meu querido Lord virgem?

— Então... Ah... Bom, agora sim tenho dois motivos para acabar com essa bruxa.

— A lei é que uma criatura noturna com alma virgem seja escolhido para o acasalamento com a rainha... Mas é claro que ele depois não será mais útil.

Henrique ri, olha para a Morticia e comenta.

— O Lord Virgem está bem cotado com as moças.

Eu rio, mas a situação precisa ser resolvida logo. Porém, o Dri se pronuncia.

— Liberte-os e serei de vocês.

A bruxa diz com frieza:

— Matamos os dois e depois você, grande e eterno virgem, Lord Dri.

— Que título, hein Lord Virgem? Belo slogan para as suas futuras histórias que serão lidas pela criançada – zomba Henrique.

— Hoje não é meu dia.

Eu disse sorrindo:

— Querido Dri. Até que eu achei romântico.

— Calem-se! – Sharazi balança os braços e desliga a parede de foto do Dri, e o leva para o terceiro andar junto com Minerva. Então diz:

— Leve o Lord Dri para os meus aposentos e eu cuidarei para que ele seja a criatura que escolhi para ter um herdeiro. Se ele se comportar, posso perdoar seus amigos e os libertar.

— Não se atreva a colocar as mãos nele – digo.

Minerva e Sharazi sobem as escadas e deixam os prisioneiros a sós.

Existem extintores de incêndio na sala. Se eu pudesse acioná-los com minha mente, talvez eu pudesse reverter a situação. Mentalizo muito até que finalmente os extintores começam a ligar e as mangueiras se

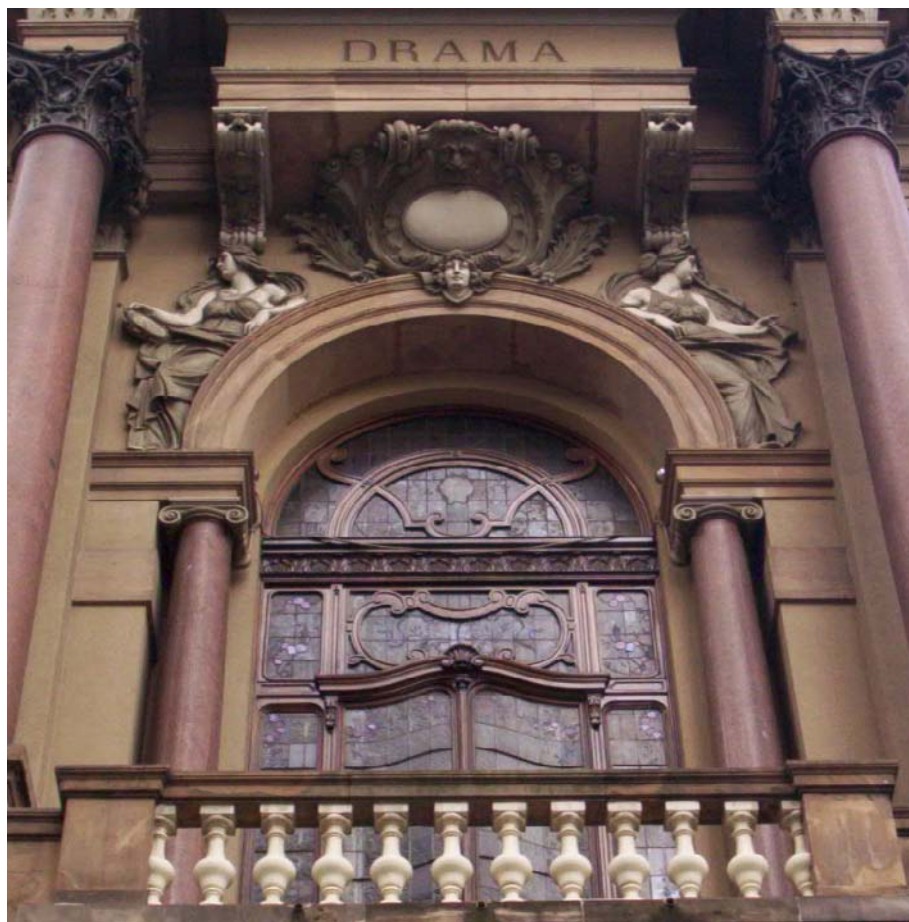


agitam de forma eficiente até que todos ficarem livres.

— Foram para o terceiro andar. O ritual deve começar. Logo.

— Não é algo que se pode dizer trágico, já que o Dri vai curtir a sua virgindade humana.

— Ele é o meu Dri. Não vou deixar aquela vaca peluda tocar nele. Vamos fazer uma festa nesta casa noturna para tirar a atenção dos seguranças enquanto eu as enfrento.





## Uma Vampira na Cidade – Parte 13 –



Estou subindo as escadas com cuidado, pois podem ter muitas armadilhas.

Com a minha sorte habitual, agora Minerva está com uma aliada. Uma bruxa que tem muitos poderes. E eu ainda não posso acreditar que o Dri tem a alma pura por não ter feito relações sexuais quando era humano. Parece conto de fadas. Um príncipe encantado que Minerva quer, de todo jeito possível, para criar uma nova geração de seres noturnos.

Pelos barulhos que estou ouvindo lá embaixo no salão, Henrique estava fazendo uma verdadeira festa para chamar a atenção dos seguranças enquanto estou aqui... Nas escadas que...

De repente, do chão, sai uma metralhadora ligada a uma geringonça mecânica que atira sem parar. Eu pulo e me agarro no teto. A metralhadora não consegue mirar por eu estar em cima. Quem construiu a arma não pensou em criaturas noturnas que andam no teto e nas paredes. Pulo nela e arranco todas as peças para não ferir mais ninguém. Continuo meu caminho. Ouço vozes. A bruxa e a loba já devem estar fazendo os preparativos.

A porta estava aberta e Dri estava consciente e amarrado em um altar. A bruxa movimentava uma faca que flutuava através de feitiçaria e ficava passando por cima do Dri. Brincava com seus movimentos, espetando-o às vezes... Enquanto isso, a loba Minerva estava sem roupas esperando o momento para entrar em ação com o Dri.

Escondo-me por trás da porta para tentar interferir de alguma forma nesse ritual e também formulo um plano para pegar uma de cada vez. Tento entrar em contato com o Dri, mas ele estava atento apenas à faca espetando algumas partes do seu corpo.

Conto com a sorte e com o Dri para distrair as vacas enquanto eu me preparo. Até que ele se pronuncia:

— Espera aí um pouquinho! Pode parar tudo! Esse negócio de Lord Virgem já deu no saco. Eu já conheci muitas vampiras e bruxas. Está certo que loba é uma novidade no mercado, mas eu até posso me esforçar. Porém... Tenho um problema...

A Loba, enfurecida, pergunta gritando:



— Problema? Não vejo nenhum problema!

— Minerva... Leva na boa... Mas você não me dá barato.

— Eu? Eu o quê?

— Não rola, entende? Não sinto uma química.

Minerva olha para Sharazi e pergunta:

— Então, bruxa? Você tem afrodisíaco? Mandrágora? Viagra para Vampiros?

— Não se preocupe, Minerva... Com minha magia ele estará no ponto para você.

Dri revida:

— Ah, tá bom que eu vou ficar excitado por essa loba... É bem mais fácil eu ficar excitado por aquela porta...

Quando o Dri aponta a porta, me vê e eu peço para que fique em silêncio. Ele desconversa rapidamente.

— Talvez... Não estou dizendo que pode dar certo... Se a Minerva colocar uma roupa de uma secretária bem sexy... Bom, aí talvez...

Sharazi joga um feitiço em Minerva e mostra toda a forma de uma mulher encantadora e excitante. Dri comenta prontamente:

— Oi, prazer. Pode me chamar de Dri... Sem mais delongas... Venha me conhecer melhor...

Ele olha pra mim com um sorriso e eu fico ameaçando ele prometendo dar um murro na sua cara assim que tudo terminar, ele engole seco e tira o sorriso da cara.

Olho para o corredor para ver se o Henrique aparece, mas não tem sinal dele. Então olho para o Dri e peço para atrair a bruxa até a porta. E ele entra em ação.

— Olha, bruxa... Não deve nunca ter visto uma loba com um vampiro né? Ainda mais nossa hora tão... quente. Então eu peço para procurar urgente um lugar seguro sabe... Bem perto daquela porta, por exemplo. Assim você sai apenas com sua vassoura descabelada, mas pelo menos sai inteira.

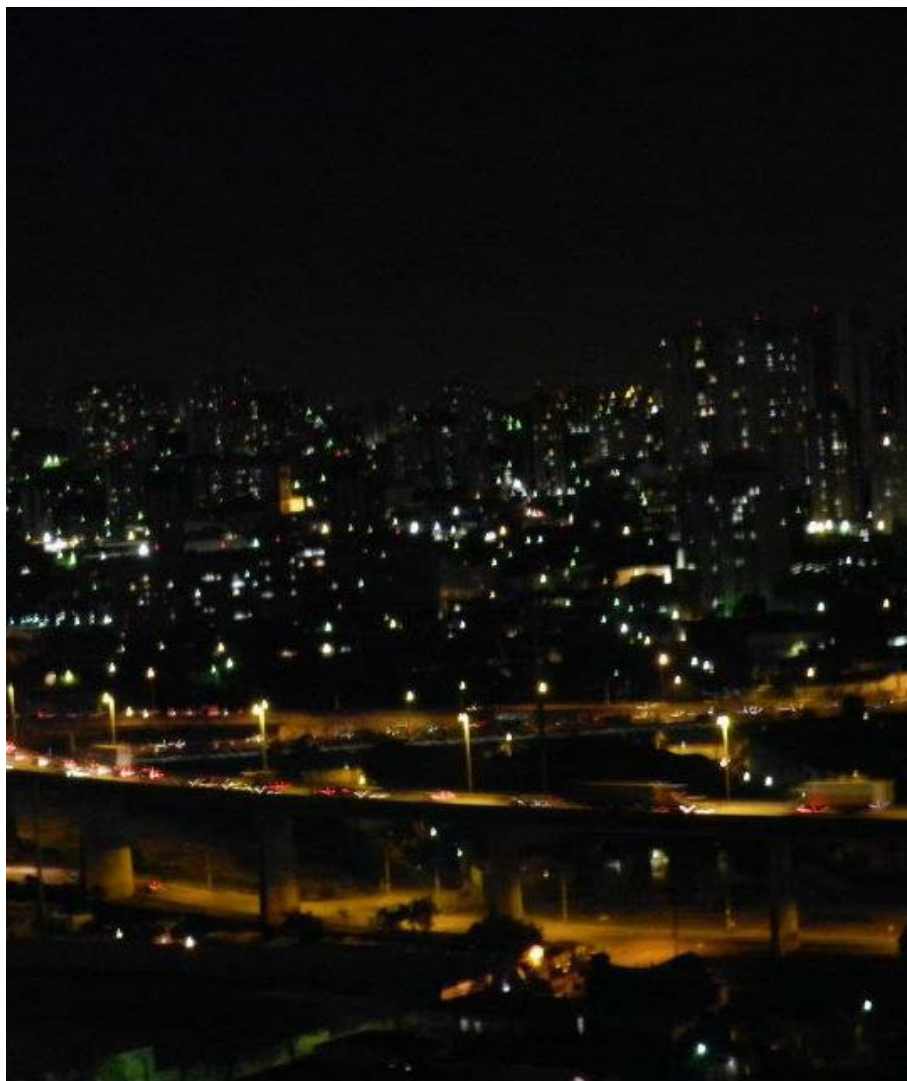
— Eu iria discordar de você, Lord Virgem, mas tem razão... Ainda desconhecemos as forças que vamos chamar esta noite. Uma vez que eu invocar o ritual, não terão como parar até que vocês concluem a tarefa. Dri sorri e logo diz:

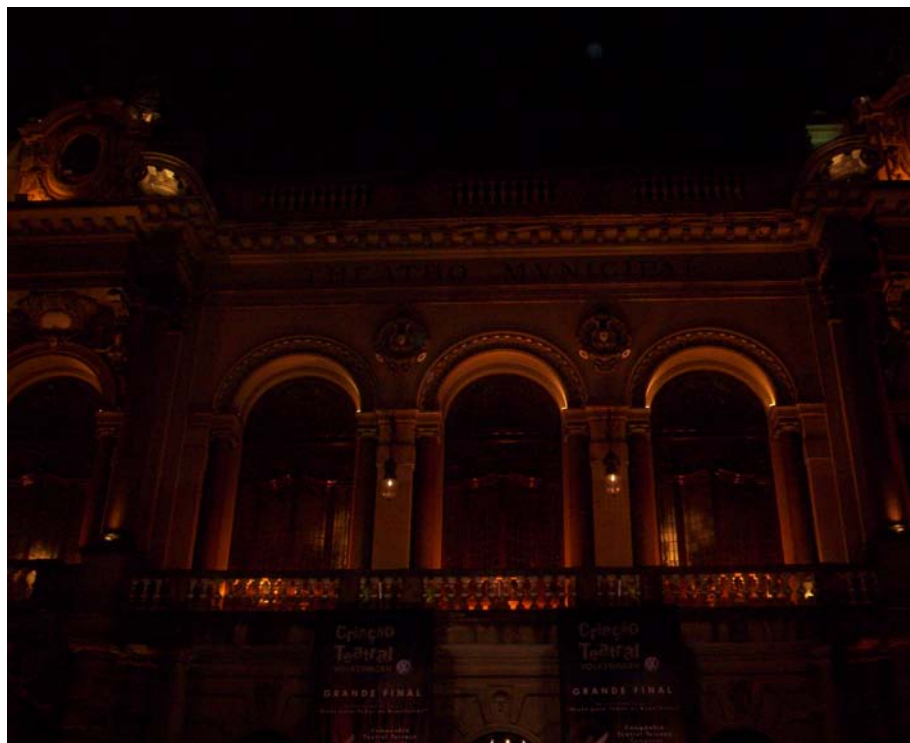
Essa eu tiro de letra e ainda vai dar tempo de assistir em vídeo dos me-



lhores momentos desta festinha e espero que gravem tudo em DVD, pois será sucesso na Sex Shop. Yeah!

A Bruxa pega o livro de encantamentos, vai até a porta e fica de costas para mim. Quando ela começa a falar o encantamento e começa gesticular seus braços, eu a agarro e mordo sem piedade o seu pescoço.





## Uma Vampira na Cidade – Capítulo Final –





Seu sangue ruim, de gosto amargo, encheu-me de sede.

— Quero mais.

Minerva me olha assustada.

— Como ousa...

Antes que ela termine de falar, eu interrompo.

— Chega dessa baboseira, já estou cansada de ser boazinha. Eu quero ver sangue escorrendo por entre os meus dedos.

Dri fica atento nos olhando.

— Não se preocupe, querido, é melhor que fique aí, e bem caladinho.

Agora vou fazer o que eu deveria ter feito há muito tempo.

Corro em direção a Minerva, ela começa a rosnar para mim.

— Rosnar não vai fazer você escapar de mim.

Eu a agarro pelo braço e a derrubo no chão. Rapidamente, ela passa suas garras em minha perna fazendo um enorme corte.

— Ai! Sua vaca! Rasgou minha meia-calça nova, vai pagar por isso.

Alguns homens aparecem e Henrique também.

— Vejo que estão ocupadas.

— Solte o Dri e se virem com o resto. Minerva é minha.

Henrique luta com alguns homens os levando até o corredor. Ele volta e começa a arrebentar as cordas que prendem Dri.

— Como sempre, eu tenho que te salvar.

— Cala a boca, já fiz muito por você também.

Os dois saem em direção ao corredor enquanto eu e Minerva nos pegamos no chão.

— Vamos acabar logo com isso.

Minerva me empurra com força fazendo com que eu bata a cabeça na parede. Ela se levanta e ergue suas mãos, um vento forte começa a tomar conta do lugar. A porta se fecha e as janelas também.

— Sinta o vento cortante, vou acabar com você de uma vez por todas.

— Não se eu acabar antes com você.

O vento fica mais forte, ela gesticula, suas mãos viradas para mim, então o vento troca de rumo e vem em minha direção. Não podia me mexer, o vento chegava a fazer cortes em meu rosto e em meu corpo.

Ela começa a rir e adverte:

— É inútil lutar com uma deusa como eu, você é apenas uma vampira



qualquer. Uma mestiça de sangue sujo.

O vento começa a mudar de curso novamente. Ela me olha assustada.

— O que está acontecendo?

Ela mira novamente para mim, mas o vento tomou seu próprio curso, ele girava em círculos em volta de nós. Levanto devagar com a cabeça baixa.

— Você me subestima demais, Minerva. Só precisava ouvir de você tais ofensas para declarar a sua sentença de morte. Não imaginou o poder que tenho em mim.

Ela começa a andar para trás até encostar-se à porta, ela tenta abri-la, mas está trancada e o vento a impede de tocar na maçaneta.

— Deixe-me sair, Morticia! Sou a mãe de minha espécie! Não pode me matar!

— Não ligo.

Seguro rapidamente suas mãos e as coloco na parede. Ela fica se debatendo, mas quanto mais ela se mexe, mais o vento a machuca.

— Pare, Morticia, posso dar a você o que você... Espere... O que há com seus olhos? Estão vermelhos. Você...

Antes que ela termine.

— Sim, eu estou furiosa, e como você disse, o demônio que há dentro de mim está aflorando. E quer ter um a conversinha com você.

Começo a irradiar calor, minhas mãos começam a ficar quentes. Ela começa a gritar, logo ouço batidas na porta.

— Morticia, o que está acontecendo aí?

— Não se metam em meus assuntos.

— Querida, não pode matá-la.

— Posso! Está me subestimando?

Começo a queimar ainda mais os braços de Minerva, ela cai de joelhos no chão. Largo suas mãos e agarro seu pescoço.

— Escute bem, sua vaca, não tenho piedade nenhuma com você, merece morrer, mas tenho um trato e esse trato requer você viva. Mas ninguém mencionou... inteira.

Eu a seguro com força pelos cabelos e jogo no chão novamente, ela cai com o rosto no chão. Antes que ela se levante, dou vários pontapés em seu estômago.

— Morticia! Pare! Vai matá-la!



Ergo minhas mãos e canalizo o vento.

— Nunca mais vai se esquecer desta sangue ruim.

O vento se direciona a Minerva. Fazendo vários cortes em seu rosto e em seu corpo todo. Ela desmaia.

A porta se abre e Dri e Henrique ficam a me olhar.

— Morticia, o que houve com você? Seus olhos...

— Dri, eu...

Caio no chão inconsciente.

Passado algum tempo, Henrique questiona:

— Ela ainda está desacordada?

— Sim, Henrique, e acho que foi pelo esforço que ela teve em acabar com o seu “amorzinho”.

— Não é hora para ironias. Estamos bem e é isso o que importa.

— Mas será que ela está bem? Faz mais de doze horas que ela não acorda.

— Minerva também. Falando nisso, meus homens chegaram. Eles vão levá-la para um laboratório para ver se conseguem um herdeiro. Depois disso, Minerva vai ser presa e entregue ao chefe do clã desta cidade.

— E o que acontece depois?

— Não sei. É decisão deles. É, meu amigo, parece que você vai continuar virgem.

Henrique sorri.

— Não sou virgem. E você não tem nada a ver com isso.

— Não, mas eu tenho.

— Morticia!

— Não tem nem como descansar aqui, vocês passam o tempo todo discutindo.

— Você está bem, Morticia?

— Acho que sim, Henrique.

— O que te fez desmaiar?

— Dri, a sua voz fez com que eu parasse. Isso me fez desmaiar.

— Bom, eu só fiz o que devia fazer.

Henrique se manifesta.

— Morticia, temos que conversar a sós.

— Dri, pode ser sair por alguns minutos?



— Não, sei não, acho melhor eu ficar.  
— Saia logo, seu virgem.  
Dri e Henrique ficam se encarando por um tempo.  
— Dri, depois nós conversamos, deixe-me com Henrique.  
— Só vou porque ela pediu.  
Dri sai do quarto e fecha a porta.  
— O que foi, Henrique.  
— Meu trabalho acaba aqui, meu clã arrumou confusão com alguns clãs de vampiros e tenho que ir.  
— Achei que você morava aqui.  
— Não, aqui é apenas um lugar memorável.  
— Como assim?  
— Você se lembra do verão que passamos aqui?  
— Verão? Humm... Sei... Quando tivemos de lutar contra bruxas. Foi um verão maravilhoso.  
— Essas são as lembranças que guardo de você, meu amor.  
— Amor?  
— Sim, amor.  
Desconverso.  
— E Minerva? Ela morreu?  
— Não, mas você a deixou bem ferida, meus homens a levaram para um laboratório. Como havíamos planejado.  
— Então, acabou.  
— Sim.  
— Bem... Acho que agora posso descansar em paz.  
— É... Você ainda tem o chip. Use-o para se proteger. Mas não confio no Dri, ainda acho que sou melhor que ele.  
— Talvez, mas quem disse que o que eu quero é o melhor?  
— No fundo eu sei que você me ama. Temos muito mais que uma simples história, temos uma vida.  
— É o que você espera que eu diga? Que não o amo? Eu o amo, sim. Mas meu coração já não pertence mais a você querido.  
— Agora Dri é o seu amor?  
— Dri, assim como você, não tem apenas uma simples história comigo, não foi ele que veio até mim e sim eu que fui até ele. Ele faz parte de minha vida há um bom tempo, eu o desejo. Quantas vezes já não



nos encontramos? Eu, você e ele? Dri é o meu escolhido.

— Sabe que ele é livre para seguir suas escolhas, ele pode te deixar.

— Se isso acontecer, vou ter você.

— Será? Tenho minhas dúvidas.

— Por um momento, enquanto você se fazia de servo da Minerva, achei mesmo que havia me abandonado e desistido de mim. Mas depois que você me deu a faca, as coisas mudaram. E vi que jamais você iria me abandonar. Sei que já está cansado de correr atrás de mim, de esperar uma resposta que não vai ter. Mas veja bem, não é melhor assim? Você me tem em seus melhores momentos. Eu sempre vou ser sua, Henrique, mas não posso entregar tudo de mim a você. Meu coração pertence ao Dri.

Ele derrama lágrimas.

— Nunca havia me dito tais coisas, Morticia. Por um lado, eu até concordo com você, mas um dia ainda vou ter seu coração de volta para mim. E isso é uma promessa.

Ele me beija tão forte que arrepia minha pele, suas mãos selvagens passeiam pelo meu corpo e me aperta ao seu.

— Não vá muito longe, querida. Quero estar lá quando precisar de mim.

— E vai estar.

Ele me beija novamente e sai em direção à porta.

Dri aparece, me olhando com o canto dos olhos.

— O que foi?

— O que foi? Até parece que não sabe.

— Vai começar o ciúme? Ele foi embora Dri.

— Será? Por que eu estive pensando, ele sempre está onde nós estamos.

— Pura coincidência.

— Não acho. Você não tem jeito. Sempre quer mais.

Levanto e deixo o lençol cair, meu corpo fica completamente nu. Vou em sua direção.

— É... Eu sempre quero mais. Vamos tirar essa virgindade de novo?

Sorriso.

— Morticia... Não tem graça.

— E quem disse que é pra ter? Eu não quero graça, eu quero ver você sem graça.



— Eu ainda estou bravo com você...

Passo minhas mãos em seu peito descendo aos poucos até chegar em sua barriga. Ele me segura em seus braços.

— Ah... Quer saber? Esquece.

Ele me beija e aos poucos me leva para cama, deita sobre meu corpo. Então ele diz:

— Esquece... Porque agora eu quero você.

